

## PREÂMBULO

### CONFLITOS DOS TEMPOS - SOLUÇÕES ESPIRITUAIS

*“Espadas serão transformadas em arados e as lanças em foices” (Is 2:2-4)*

*“Um dia, haverá convocação para a guerra e ninguém comparecerá” (Carl Sandburg)*

Fala-se, convive-se, de há muito, em agitações, convulsões, guerras. São, lamentavelmente, o cardápio diário servido por governos, mídia e mesmo certos religiosos, que se comprazem em apregoar o pânico entre os rebanhos. Somos martelados, para tanto, por ameaças, terrores, frutos de desastrosas ações governamentais e pessoais. Pouco se fala, contudo, do mundo, do tempo repleto de oportunidades, perspectivas, fluxos históricos e espirituais que se abrem cotidianamente à humanidade. Para tanto, é importante entendermos o amanhã, ou seja, sabermos lê-lo e construí-lo com sabedoria, transcendência. O curso de nosso futuro é determinado por nossas interações passadas e presentes. “Muito antes de acontecer, o futuro entra em nosso interior para ser transformado” (Rainer Maria Rilke)

Por que trabalhar o futuro, a partir de hoje? Como sanar ou reverter os problemas que milenarmente afetam a humanidade? As circunstâncias de nossas vidas são, em síntese, o efeito do que praticamos, roteiros por nós direcionados. O resultado de qualquer ciclo é influenciado pelos fatos que o antecederam. O amanhã será a colheita das sementes (ações) realizadas hoje. O palmilhar a via estreita, a caminhada pelo deserto árido, o atravessar o buraco da agulha, na acepção bíblica. A exceção divina, nada é imutável. As páginas da história são escritas dia a dia, momento a momento, assim conformando o amanhã. Daí o livre arbítrio que nos permite usar (ou enterrar) os talentos que nos são concedidos prodigamente pela Providência. “A falha está em nós, não nas estrelas” (Shakespeare) Enquanto pessoas de bem tecem fios dourados, há os que tecem intrigas, enganos, guerras!

Não há acasos no universo. Todo ato gera consequência. Ninguém pode realizar a meta ou o projeto existencial que compete intrinsecamente a cada um de nós. Cabe-nos, pois, manter a consciência e a potência espirituais, compelidos a evoluir, a encontrar soluções para os problemas que nos afligem. Lçar velas, definir rota, planejar, prepararmo-nos para os ventos que nos levarão a nova direção, a novo território, a nova ordem social. Dispormos dos recursos materiais, intelectuais e espirituais, disponibilizados, a mancheias, pelo Criador, colocando em prática nossa sabedoria, compaixão, transmutação, mutualidade, preocupação para com o próximo..

Que passos se fazem necessários? O desenvolvimento do lado criativo, intuitivo e compassivo de nossa alma, em permanente conexão com o Divino; o espírito de cooperação, igualitarismo, solidariedade que deve(m) ser a base de todos os nossos relacionamentos; uma revolução social e espiritual em que conhecimento, tecnologia, bem como a riqueza, estejam a serviço de todos e não para controla-los e à sociedade, como sói ocorrer; democratização da espiritualidade em que as pessoas tenham maior liberdade de manifestação, reflexão, alcançando-se um nível maior de vida comunitária e visão inovadora; a fraternidade como componente essencial e como eixo do idealismo, da fé, da paz, da cooperação em nossa vida diária e em toda a vivência social (sermos o “guardião de nosso irmão” ou seja responsabilidade para com o próximo) Lembremo-nos sempre das palavras do Divino Mestre: “Minha paz vos deixo, a minha paz vos dou; não se perturbe o vosso coração nem se atemorize” (Jo 14,27)

A sociedade somente romperá seu ciclo de erros, acumulados há séculos, se avançar, se aventurar além dos limites do passado. “Sem ousadia, sem a desintegração da antiga ordem, a civilização entra em decadência” (Alfred North Whitehead)

## A Serra das Vertentes

Quem nunca ouviu falar que Resende Costa está na região dos Campos das Vertentes? Então, a pergunta: onde está localizada a serra que empresta o nome à nossa região?

página 06

## Plano Collor: 30 anos

A ampla democracia brasileira chegou derrapando na História. Primeiro presidente eleito pelo povo desde os anos 1960, Fernando Collor de Melo subiu a rampa do Planalto com a promessa de revolucionar o país. O caminho inverso, de descida, foi marcado não só pela queda política do “caçador de marajás”, mas pelo tombo estrondoso na vida, nas economias, na honra e nos sonhos de milhões de vítimas do terrível Plano Collor.

Pág. 15



## Dos livros para as partituras: uma exaltação a "O Guarani"

Há 150 anos, um brasileiro subiu ao palco do Teatro Alla Scalla, em Milão, para estrear magistralmente a ópera “O Guarani”. Era Carlos Gomes, que passou dois anos trabalhando na obra histórica. Ela, por sua vez, foi baseada no livro de outro conterrâneo, José de Alencar - e tornou-se o primeiro sucesso de uma composição nacional no exterior.

Pág. 16

# ADIVINHAS

O que é o que é;

1. Tem oito letras e tirando metade ainda ficam oito?
2. Nasce branco, fica verde, depois fica vermelho e acaba preto?
3. Qual o lugar mais certo do Brasil?
4. Nesse lugar o boi consegue passar, mas o mosquito fica preso?

Respostas: 1 - Biscoito; 2 - O café; 3 - O sertão; 4 - A tela de aranha.

## Provérbios e Adágios

- Quem menos sabe do sapato é a sola.
- Depois da tropeçada é que se amarra o pé.
- Entre a cruz e a caldeirinha.
- Depois da porta arrombada, é que se põe a tranca.
- Com um tacho velho, compra-se um novo.



### Frases de Cora Coralina

- Todos estamos matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo.
- Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.
- Poeta não é somente o que escreve. É aquele que sente a poesia, se extasia sensível ao achado de uma rima à autenticidade de um verso.
- A verdadeira coragem é ir atrás de seu sonho mesmo quando todos dizem que ele é impossível.

Para refletir

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO  
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



## AO PÉ DA FOGUEIRA O COMPRADOR DE QUEIJOS

Anos 1970. Era mascate, conhecido de todos, atuando na região há mais de 15 anos, adquirindo produtos alimentícios e artesanais – queijos, doces, biscoitos – e por ele levados semanalmente para São Paulo, de onde trazia bugigangas a serem comercializadas entre os moradores. A bordo de maltratado furgão, percorria fazendas, povoados, bairros onde se abastecia de mercadorias, pagando em dia, sempre tratável com todos. Teria lá seus 45 anos, de compleição franzina, atencioso, calmo, embora dado a certo mutismo e introspecção.

O gerente da principal agência bancária da cidade realizava naquela noite de 6ª feira uma recepção em seu apartamento no 3º andar do prédio onde residia, área central. Era seu aniversário e juntamente à esposa convidara os colegas de serviço e alguns amigos mais próximos. Um dos filhos do casal achava-se em viagem. Lá pelas 22 horas, em meio à comemoração festiva, eis o local invadido por estranhos, todos mascarados (um deles permanecera vigiando escadas e entrada do prédio) rendendo, com violência, os presentes. Afirmaram já estar o filho do gerente em poder do bando em lugar isolado e que todos colaborassem sob pena de assassinar o rapaz. O gerente, que, no momento, achava-se ao fundo, na área de serviços, percebe o fato e tenta desesperadamente chamar a atenção dos moradores do andar de baixo, batendo com firmeza sobre o piso. Grita em direção à rua já deserta. Inutilmente.

Sob a mira de revólveres, agressões verbais e físicas, os participantes veem-se obrigados a entregar dinheiro, jóias, relógios. Aparelhos de TV, porcelanas, qualquer coisa de valor eram arrebanhados pelos invasores. Ambiente de terror. Exigem que o gerente lhes entregue todo dinheiro, forçando-o a que mostrasse o local do cofre e o abrisse incontinentemente. Este, sob téticas ameaças e safanões, explica-lhes que não tinha cofre em casa. Os meliantes exigem-lhe então que este assinasse vários cheques em branco, tomando-lhe a chave de seus veículos – eram dois na garagem do prédio e que seriam levados pelo bando, neles acondicionando toda a carga roubada. Dali se evadem, após trancarem todos os presentes, inclusive senhoras e crianças, no cômodo dos fundos do imóvel. Ameaçaram o gerente de que qualquer denúncia à polícia ou de que se algum dos cheques por ele assinados fosse sustado, voltariam para mata-lo e à família. Este seria o erro fatal da quadrilha.

Após se safarem, a custo, do confinamento, gerente, familiares e convidados acionaram a polícia, não mais se encontrando os bandidos. Conseguiu o gerente fazer contato telefônico, após muitos esforços, com o filho – que hipoteticamente estaria em mãos do grupo criminoso – localizado são e salvo em cidade balneária. O seu sequestro fora um blefe dos bandidos.

Gerente e família decidiram mudar-se, de imediato, da cidade, com a aquiescência do banco empregador que o transferira para a capital. Dali a uma quinzena, chegou um dos cheques de emissão do gerente, forçado a assiná-los em branco e entrega-los aos marginais. Sua conta já desativada e os cheques devidamente sustados. De posse do cheque, a polícia em conjunto com o serviço de inteligência da instituição bancária, rastreou-o, chegando a um bairro na periferia da capital paulista. Fora depositado por um comerciante que, após instado e pressionado pela polícia, lembrou-se de que o teria recebido de um advogado, que vivia de agiotar e negociar com cheques; este, igualmente e após inquirido incisivamente, disse tê-lo recebido ("trocado") para uma lavadeira; após localizada numa enorme favela, arguida pelos policiais, a senhora disse tê-lo encontrado na rua. Invenção. Após um bom aperto, acabou confessando que o cheque lhe fora repassado por um "genro", namorado eventual de uma de suas filhas – cidadão de péssimos antecedentes e velho conhecido das autoridades. Meliante da pesada. Após ingentes incursões, acabou localizado e preso, confessando ter participado do assalto à casa do gerente, bem como de vários outros assaltos em cidades do sul mineiro e na grande São Paulo.

O chefe do bando? – O pacato comprador de queijos!







## TERRA SEM LEI INVASÃO DE PROPRIEDADES POR APICULTORES – NA VERDADE, PREDADORES - ESTRANHOS À REGIÃO

Um proprietário rural, já há algum tempo, perdeu uma rês com suspeitas de picadas de abelhas. Colmeias tinham sido colocadas em sua propriedade sem sua autorização ou conhecimento. Dessa forma, dezenas e dezenas de caixas de abelhas foram/são espalhados/instalados clandestinamente pelas propriedades de toda a região, às ocultas, sem se saber quais os responsáveis ou donos dos apiários, de onde vêm, com ordem ou sob qual legislação assim agem. O fato é que os donos das propriedades são simplesmente ignorados, reses são atacadas e ainda animais domésticos, bem como trabalhadores das fazendas, viajantes que são prejudicados ou mesmo lesionados quando em trânsito.

Segundo informações, tais caixas são colocadas por apicultores desconhecidos – ao que se afirma da região de Carmo da Mata – de posse de uma camioneta SD cinza, os quais atuam na surdina, verdadeiros zumbis, pois raramente alguém os vê e quando abordados, desconversam, são evasivos e escorregadios nas respostas. O PIOR: Há informações de que tais caixas são “iscas” apenas para atrair enxames, que são levados com a rainha para outros lugares... Ou seja: estão predando, acabando com as abelhas de nossa região!!! Menos polinização, menos frutas, menos produtos em nossas lavouras e pomares...

A quem reclamar? Quem é o responsável legal para coibir esse absurdo contra nossa flora e fauna e que precisa ser apurado!?

Alô autoridades, ambientalistas, associações sindicais....

## MEMÓRIA FATOR RELEVANTE NO DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

Segundo estudiosos, uma das causas crônicas das dificuldades vividas por nosso País é o desprezo para com a memória. Daí ser fundamental o honrarmos as pessoas que vieram antes de nós, as realizações e trajetórias de sucesso de nosso povo, o reconhecimento e preservação de nossa história. Nenhum País sobrevive sem cultivar seus valores históricos, seus heróis e construtores, sem se conectar às suas glórias passadas, a seus ideais e suas transformações seculares.

Lamentavelmente, desconhecemos e por vezes depreciamos a nossa história, vista de forma superficial, circunstancial e distanciada. Nossa rica e olvidada memória desconectada do presente e dos alicerces que suportam nosso itinerário. Fomos, desde o período colonial, salvo honrosas exceções, conduzidos por lideranças medíocres, oportunistas, homens rapaces, ávidos de ambições mesquinhas. Não criamos um espírito cívico, patriótico, elevado dentre nossos políticos e governantes.

Necessário que o cidadão comum e sociedade despertem, se conscientizem e assim o coro unísono de milhões de brasileiros ecoe, desde as mais modestas plagas até os píncaros dos palácios. Que resgatemos nossos valores históricos, nossa nobreza, nossa vitalidade, na construção de uma nação criativa, próspera, desenvolvida, reinventada.

O maior ativo de uma nação é o seu povo, a quem cabe assumir sua postura cidadã e dar norte aos rumos do País. Temos plenas condições de resolver, dar solução aos problemas que nos afligem. O valorizar as pessoas de bem que são a maioria absoluta da população pátria. Expurgar as ousadas quadrilhas que, há tempos, nos governam. Mudar o sistema viciado, corrupto que nos envolve, em especial via políticos e empresários nefastos. Um Estado e uma Justiça ineficientes, onerosos, arrogantes. Estruturas de educação, saúde, saneamento, segurança, mobilidade todas em frangalhos. Não podemos nos submeter a administradores que só nos legam atraso, privilégios, corrupção, politicagem, banditismo de colarinho branco. Sem sermos ufanistas – e sim realistas – temos território, recursos naturais e humanos, cérebros, empreendedores aptos a nos conduzir a um presente e a um futuro inovador, desenvolvimentista, dignificante.

Afinal, cantamos todos no Hino Nacional: “E diga o verde-louro dessa flâmula / paz no futuro e glória no passado”



Museu Nacional do Rio de Janeiro



# SETEMBRO

## Festa do Café com Biscoito

Chega setembro e o coração acelera... pois a maior e melhor festa de gastronomia da região está à vista. É uma explosão de cores, sabores, aromas, histórias, alegria, emoção e de encontros de famílias e amigos. Infelizmente este ano não tivemos os festejos como de costume, devido à pandemia do novo coronavírus, mas vamos relembrar um pouquinho da nossa história até chegar aos dias atuais.

A tradição dos biscoitos remonta ao século 18; nessa época, tropeiros e seus comboios de gados iam rumo ao oeste mineiro e Goiás, muitos deles paravam no antigo arraial de São Tiago para se hospedar e alimentar. Desde aquela época as quitandas eram feitas em fornos de barro, de cupim, pelas senhoras, escravas e outras mulheres que multiplicavam as receitas passando-as pela oralidade ou em anotações feitas em cadernos. Com isso, a tradição nunca parou e foi passada de geração em geração.

O ano de 1999 marcou um momento especial na história de São Tiago. Uma comissão organizada pela Prefeitura, junto a outras relevantes instituições da cidade, teve a brilhante ideia de fazer uma festa com exposição do carro chefe da economia local, nossos tradicionais biscoitos, no evento denominado: “Parada do Café com Biscoito”.

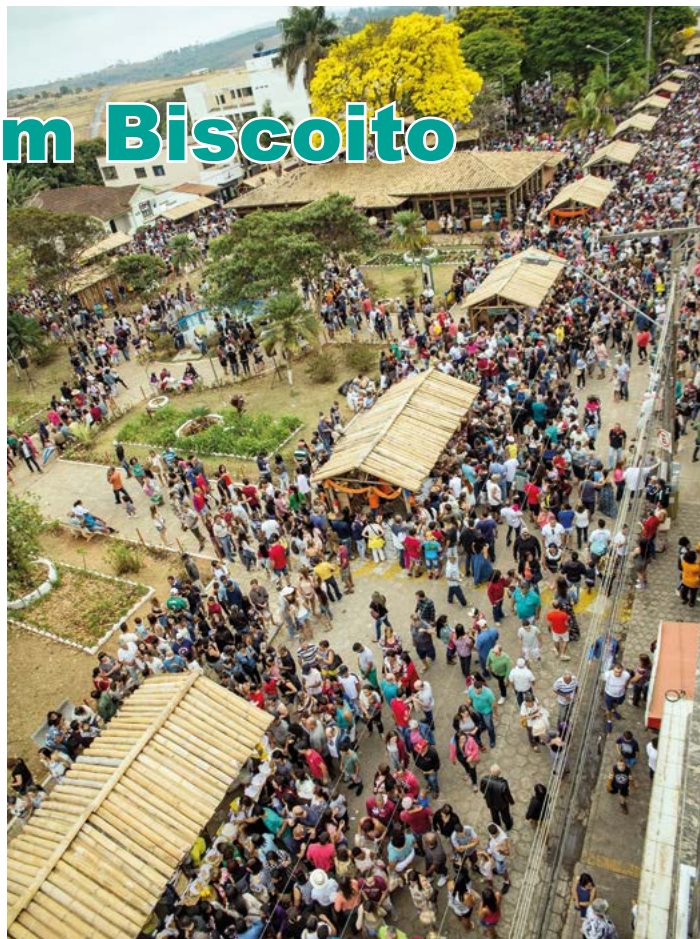


Tudo foi organizado com grande carinho e esmero pela comissão. Era manhã de sexta-feira e antes do início da distribuição do “café com biscoito” autoridades, fiéis, convidados e amigos de São Tiago estavam todos reunidos na Igreja Matriz para a celebração da missa, como

abertura oficial do evento. No começo a festa era praticamente para comunidade e poucos visitantes. As barracas eram todas organizadas uma do lado da outra na praça. Tudo simples e feito com muito amor. Biscoitos para degustar e cafezinho servido na hora e, detalhe, à vontade. Com o passar do tempo, o evento tornou-se a concorrida “Festa do Café com Biscoito” e ganhou ainda mais visibilidade na região e em vários estados do Brasil.

A cada ano é um destaque com bandas de músicas, apresentações diversas, musical com os alunos do Centro Artístico e Cultural, sempre novos biscoitos compoem os estandes das barracas.

Visitantes encantados com tantos biscoitos ali de graça, e de quebra é a única festa da região, onde todos podem comer a vontade. A cada ano a infraestrutura do evento é diversificada sempre para melhor. Aumento de participantes, expositores de outros negócios que também fazem parte da nossa economia, como: artesanato, queijos, cachaça, frutas, compotas, geleias, caldo de cana, melado, rapadura, mel, doces, tudo produzido em São Tiago. Todos os anos as crianças fazem fila para participar da oficina dos “Biscoitos Falantes” e já sentir como é o processo de fabricação de nossas gostosuras. Por muito tempo houve o



concorrido “Desfile Comemorativo da Festa” com várias temáticas de acordo com a história local. Organização impecável das escolas locais, com a participação de seus alunos. No sábado à tarde, Praça lotada, todos os olhares voltados para o cortejo do desfile, fotografias e filmagens registrando tudo, e depois espalhadas pelo Brasil. Criatividade, brilho e muita emoção marcavam a passagem do desfile. Um mundo de cores e de muitas lembranças de um tempo especial, que contava a história dos primórdios da comunidade são-tiaguense.

É notório todos os anos durante a Festa ver carros, ônibus e motos de diversas localidades do Brasil. Ouvem-se dialetos, palavrados, jeitinhos bem diferentes, mas todos sempre com encantamento e alegria de estar neste grandioso evento. Ipês da Praça da Matriz floridos, abrilhantando o evento com sua beleza. A ornamentação da praça nos remetendo a um tempo de vida simples e de uma época especial. O fogão a lenha, o forno de cupim, as gamelas, as vassouras de alecrim e de capim – latas de biscoitos, moedor de café, torradeira, canecas esmaltadas, lata de leite, tacho, casa de pau-a-pique, sacos de polvilho, fubá... Como não recordar um tempo especial e de simplicidade? Praça cheia de barracas de um lado e do outro. Biscoitos com receitas antigas da família e outras novas, ali materializadas pelas mãos abençoadas de tantos empreendedores e empreendedoras que direcionam a nossa economia.

São-tiaguenses com um brilho no olhar em ver que a cidade progrediu e tem seu reconhecimento por meio da atividade biscoiteira na região e no Brasil. Festa do Café com Biscoito é momento de alegria, lazer, paqueras, passeio, encontros com amigos, familiares e oportunidade de apresentar, divulgar nossos produtos, vender e alavancar ainda mais a nossa economia.

**Marcus Santiago**  
Membro do IHGST



# Cruzada Eucarística de São Tiago

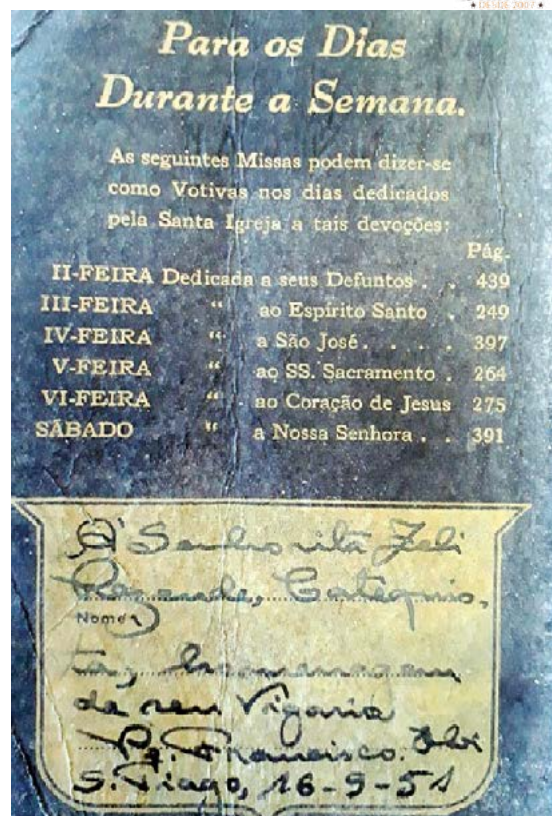
O Catecismo em São Tiago tem registros iniciais de suas atividades na década de 1940 com grande apoio das professoras do Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior” e de leigas ajudando os vigários na Catequese das crianças. Essas tinham as “aulas de catecismo” como era dito, sempre aos sábados na extinta Igreja do Rosário e na Matriz. Depois da demolição da Igreja do Rosário passou a ser em casas particulares do Cerrado para as crianças dessa localidade, as do Centro e Cruzeiro na Matriz. Muitos anos depois começou a ser oferecido o catecismo em dias de semana também. Mesmo em uma época de poucos recursos, as catequistas tentavam conseguir borrachas, lápis, réguas e alguns cadernos como forma de motivação para que as crianças ficassem frequentes no catecismo.

Padre José Duque e seus vigários coadjuvantes davam grande apoio às ações do Catecismo. Sempre que vinham a São Tiago missionários redentoristas, capuchinhos, franciscanos e salesianos aproveitavam para que eles dedicassem parte da missão para preparar catequistas e falar a crianças, jovens e adultos. Naquela época, as crianças frequentavam o catecismo em torno de três anos, até se prepararem para a 1ª Comunhão que era feita geralmente dos sete a dez anos. Muitos anos depois a cidade crescia e aos poucos foram sendo organizados outros locais de catecismo como no Cerrado e no Cruzeiro.

A partir de 1944 havia aulas de catecismo na Praça São Vicente. As crianças se sentavam aos pés do Cruzeiro, nos degraus da escada que o contornava. Quando chovia dona Percília chamava as catequistas para levarem as crianças para sua casa. Na sala havia um banco grande de madeira onde se sentavam e a catequese acontecia. E assim foi por muitos anos as aulas sendo regularmente ministradas em sua sala até a construção da Capela do Rosário. Também registramos o funcionamento de outras turmas funcionando no mesmo bairro na casa de dona Tereza do Sr. Antônio Rosa.

Anos depois, nas décadas de 1950 a 1990 as crianças após a 1ª Comunhão com seus dez a quatorze anos frequentavam a Cruzada Eucarística movimento de espiritualidade do Apostolado da Oração.

Nas décadas de 1980 a 1990 a Cruzada acontecia em três setores da cidade, com reuniões semanais coordenadas pelas catequistas: Catarina Santiago, Cerrado; Marina Mendes, Centro e Marilda Sousa, no Cruzeiro. Ao ingressar, Monsenhor Elói fazia uma missão



especial concedendo uma fita pequena aos ingressantes do MEJ e depois de um ano recebiam a fita maior. O tempo da Cruzada foi um momento singular na vida da Paróquia de São Tiago, pois vários adolescentes e jovens se engajavam em vários movimentos, pastorais, serviços da Igreja. Sempre presentes ajudando na organização de festas, figurantes da Semana Santa, corações, momentos de oração, catequese, nas missas participando da liturgia e no coral nas missas das 9h30, aos domingos do lado do altar coordenado pelas senhoras: Marina Mendes e Marilda Sousa com participação dos músicos: Cineu, Antônio, Dimas e Janete. Com isso motivava outras crianças a ingressarem na Cruzada e no Coral. A formação da Cruzada não ficava especificamente na formação religiosa, mas formava-se para a vida e partilhava-se aprendizados para além do espaço catequético. Monsenhor Elói sempre muito feliz e grato pelo desempenho da catequese que naquela época apresentava as catequistas pelo laborioso trabalho de evangelização.

Em meados da década de 1990 a Cruzada passou a ter nova nomenclatura denominando-se, “MEJ - Movimento Eucarístico Jovem”, de reconhecimento internacionalmente pela Igreja e presente em mais de 50 países. Ele congrega desde adolescentes e jovens de 7 a 25 anos. Como se fossem filhos do Apostolado da Oração. O objetivo é ensinar adolescentes e jovens a ter relação amiga, amorosa com Jesus tendo como pilares a Eucaristia, Evangelho e Missão. A partir da Eucaristia como centro da espiritualidade preparar e formar jovens comprometidos no serviço da Igreja e aos irmãos mais necessitados, com alegria, coração aberto, doação e amor, assim como Cristo fez.

Em São Tiago a Cruzada passou a também a denominar “MEJ”, com a mesma espiritualidade e ações de antes. Os adolescentes frequentavam o Movimento Jovem Eucarístico até certa idade. Depois passavam a frequentar as turmas em preparação para receber o Sacramento da Crisma e, logo após eram convidados a participar do Grupo de Jovens da Pastoral da Juventude ou da Renovação Carismática Católica. Em 1997 as turmas de MEJ na Paróquia foram organizadas como “Perseverança” e, em 2000, extinguiu-se. Atualmente essa etapa da formação continuada da fé dos adolescentes se chama “Pré-Crisma” e funciona em três bairros da cidade.

Marcus Santiago  
Membro do IHGST



# Onde está a Serra das Vertentes?

**ADRIANO VALÉRIO RESENDE**

Quem nunca ouviu falar que Resende Costa está na região dos Campos das Vertentes? Então, a pergunta: onde está localizada a Serra das Vertentes que empresta o nome à nossa região? Muitos de nossos conterrâneos veem todos os dias a serra ou até mesmo moram nela. Do mirante de ambas as lajes podemos ver a Serra das Vertentes despontando no horizonte ao longo da estrada para o Ribeirão, atrás do bairro Nova Brasília ou sentido Barracão/Floresta. Mais ainda, nós resende-costenses vemos todos os dias o Sol nascer por detrás da Serra das Vertentes.

Com relação ao relevo, o município está localizado num cinturão orogênico conhecido como Planalto e Serras do Atlântico Leste-Sudeste e no domínio morfoclimático dos “Mares de Morros”, segundo o geógrafo Aziz AbSaber. Das terras do município, 60% são onduladas e 20% montanhosas. Isso justifica porque nossa região está sujeita a fortes processos erosivos e a movimentos de massa (deslizamentos de terra). Esse Planalto regionalmente subdividido em várias serras: Serra da Galga na divisa com São Tiago e Passa Tempo, Serra do Corisco na divisa com Desterro, Serra do Florentino ou de São Miguel na divisa com Ritópolis, Serra da Cebola nas proximidades do Cajuru e a famosa Serra das Vertentes.

A Serra das Vertentes nasce em Resende Costa, a uma altitude de 1170 metros (na Matriz é 1140 metros), nas imediações do povoado do Ribeirão de Santo Antônio. Do alto da estrada, no entroncamento que desce para o povoado, a Serra das Vertentes fica nítida ao fundo, uma montanha recoberta por floresta. Vários cursos d’água brotam da serra: a oeste, as nascentes do Ribeirão de Cima; a leste, as do Ribeirão dos Paulas, que passa dentro do povoado do Currealinho dos Paulas e ao norte, as do córrego do Estaleiro (afluente do córrego da Cachoeira, que deságua no córrego do Potreiro e depois encontra com o córrego do Cajuru, na divisa com Desterro de Entre Rios, dando origem ao tão conhecido rio Pará).

Dessa história vem a justificativa para o nome da serra e da mesorregião: Vertentes. Entendendo melhor, em termos geo-

gráficos, vertente é a superfície topográfica compreendida entre o talvegue (a parte mais baixa) e a crista (parte mais alta, que geralmente é um divisor de água, ou seja, separam nascentes) do relevo. Assim, a Serra das Vertentes é uma cumeeira (um conjunto de cristas alinhadas) que corta o centro-oeste do município e de onde brotam vários cursos d’água: as nascentes dos córregos do Tijuco (que é o principal manancial de abastecimento da cidade, o outro é o ribeirão Pinhão), das Lavras, Quilombo, Barracão e Floresta (vertente oeste, afluentes do rio Santo Antônio); e córregos Gentil, Ponte Grande, do Andrade, Samambaia (vertente leste, afluentes do ribeirão dos Paulas). A Serra das Vertentes ainda preserva a maior parte da vegetação florestal nativa no município, significativos remanescentes de espécies da floresta tropical (Mata Atlântica). A partir da divisa com Resende Costa, a serra segue sentido das cidades de Lagoa Dourada (a cidade está no sopé da serra), município de Casa Grande e termina ao sul da cidade de Cristiano Ottoni, onde se encontra com o início da Serra do Espinhaço nas imediações da BR-040.

Curiosamente, em Resende Costa a serra é o divisor de águas entre as bacias do rio Pará; do rio Paraopeba, que recebe as águas do ribeirão dos Paulas e do rio Santo Antônio (afluente do rio das Mortes), que se forma no encontro dos ribeirões de Cima e de Baixo. Ainda mais um detalhe, os dois primeiros rios são afluentes do São Francisco e o terceiro do rio Grande, duas importantes bacias nacionais que banham Minas Gerais. Localizando melhor, do Alto do Jacarandá, além da bela visão da cidade, principalmente à noite, tem-se a divisa natural entre as duas bacias: rio São Francisco, sentido Currealinho e rio Grande, sentido Resende Costa. Mais interessante ainda é saber que as águas do ribeirão dos Paulas vão desaguar, após passar por várias hidrelétricas, no Nordeste do Brasil, na divisa entre Alagoas e Sergipe, após cortar Bahia e Pernambuco, e as águas do córrego do Tijuco ajudarão a formar o rio Paraná, que deságua no oceano, na divisa entre Uruguai e Argentina.

*Fonte: Jornal das Lajes*



# DIZERES E SABERES

**AGOSTO, DIA 25, É COMEMORADO O DIA DO FOLCLORE, ESTA RIQUEZA QUE É PASSADA DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO. NOSSA CULTURA VAI SE FORMANDO E FORTALECENDO ATRAVÉS DESTES "SABERES E DIZERES".**

**“Não mexer no fogo, isto faz você fazer xixi na cama.”**

- Fato: cuidado dos adultos com as crianças para não se queimarem.

**“Não assobiar a noite para não chamar cobra.”**

- Fato: silêncio da noite para não incomodar as pessoas.

**“Fechar janela, pedir licença à quem estiver passando.”**

- Fato: educação, boas maneiras.

**“Varrer lixo e deixar na porta do lado de fora, varre a riqueza pra fora.”**

- Fato: higiene, não deixar o lixo na porta (zelo doméstico).

**“Queimar lenha de pé, no fogão à lenha, causa mal.”**

- Fato: organizadas pela parte fina fica mais fácil de pegar o fogo.

**“Receber pratos, vasilhas com biscoitos, carnes, doces e devolvê-los cheios.”**

- Fato: boas maneiras de agradecimento e convivência.

**“Vassoura atrás da porta para espantar visitas demoradas.”**

- Fato: crença popular já que tem que “a tolerar a visita.”

**“Beneduras após o por do sol não vale.”**

- Fato: tudo deve ser feito ao dia, com a luz do sol é mais fácil a intenção das pessoas.

**“Roupa do avesso, ganha outra.”**

- Fato: crença popular, se virou a roupa é porque vestiu rápido sem observar. Ganhando nova vai olhar melhor.

**“Ovos de galinha “goram” com trovões.”**

- Fato: período de chuvas não é o ideal para chocar galinhas. Tempo molhado dificulta o nascimento dos pintinhos.

**“Laranjas, frutas maduras à beira de estradas.”**

- Fato: estão bichadas ou tem marimbondos, abelhas.

**“Broas, bolos não devem ser comidos quentes.”**

- Fato: não rendem, desperdiçam muito porque esfriam.

**“Formigas cortando folhas, coloca pétalas de rosa no caminho delas.”**

- Fato: largam as folhas e passam a carregar as pétalas são mais leves e tem cheiro.

**“Cobras não ataca grávidas.”**

- Fato: grávidas são mais cuidadosas e pouco se expõem.

**“Deitam na pipa e amanhecem na bica.”**

- Fato: pessoas que ingerem bebidas alcoólica a noite, tem muita sede pela manhã.

**“Gente de princípios não dá bom dia a cavalo.”**

- Fato: as boas maneiras do “bom dia” normalmente é com um aperto de mão.

**“Apertar a mão no cumprimento.”**

- Fato: sinal de atenção ao outro.

**“Onde tem fumaça, há fogo.”**

- Fato: um é consequência do outro.

**“Comer muito à noite, tem pesadelos.”**

- Fato: evitar dormir de barriga cheia, a digestão fica mais difícil com o sonho.

**“Errou porque é marinheiro de primeira viagem.”**

- Fato: errou porque desconhecia o “problema” e não sabia a solução correta. Tente de novo.

**“Pessoa insonsa, sem sal.”**

- Fato: pessoa pouco simpática com o “outro”

**“Céu de brigadeiro.”**

- Fato: céu muito azul bom pra voar.

**“Cavalo dado não se olha os dentes.”**

- Fato: se ganhou um presente, por si só já vale.

**“Pau que nasce torto, morre torto.”**

- Fato: podemos mudar a essência, mas é difícil.

**“Da lenha torta, até a cinza é torta.”**

- Fato: imagem e semelhança andam juntas.

**“Escrever certo por linhas tortas.”**

- Fato: apesar dos tropeços, conseguimos atingir os objetivos.

**“Muito barulho, sinal de pouca chuva.”**

- Fato: nem sempre muitos trovões trazem chuva abundante.

**“Chegou visitas inesperadas, mais água no feijão.”**

- Fato: diante do “inesperado” não havia uma preparação satisfatória, então dizia “colocar água” para a comida render e saciar a todos.

**“Comer como um padre.”**

- Fato: geralmente são oferecidas “comidas boas” para eles e estes se alimentam bem já que tem muitos afazeres e não conseguem alimentar nas horas certas.

**“Cavalo bom, chegou na hora certa do almoço.”**

- Fato: pontualidade.

**“Você está colocando chifres em cabeça de cavalo.”**

- Fato: criando problemas onde não existem.

**“Escorrega igual sabão.”**

- Fato: foge do assunto.

**“Casa de ferreiro, espeto de pau.”**

- Fato: nem sempre condizemos com nossa realidade e partimos para a improvisação.

**“Não vale nem um tostão furado.”**

- Fato: ideia de inferioridade.

**“Água em pedra dura, tanto bate até que fura.”**

- Fato: com insistência resolve qualquer coisa.

**“Coisas de comadre.”**

- Fato: casos fúteis sem fundamento.

**“Pessoa sem eira nem beira.”**

- Fato: pessoa sem princípio, sem antecedentes.

**“Dormir com um anjo.”**

- Fato: descanso profundo.

**“Osso duro de roer.”**

- Fato: pessoa difícil de se relacionar.

**“Quem não chora não mama.”**

- Fato: reivindicar par conseguir.

**“Labuta com sol de arrebentar mamonas.”**

- Fato: trabalhar com sol muito quente.

**“Maria vai com as outras.”**

- Fato: se envolve em qualquer conversa.

**“Mata a cobra e mostra o pau.”**

- Fato: comprovar um fato.

**“Gato desconfiado tem medo d’água.”**

- Fato: quando acontece algo conosco, desconfiamos de tudo.

**“Angú de carço.”**

- Fato: coisa confusa.

**“Come mingau e arrota lombo.”**

- Fato: pessoa mentirosa, charlatã.

**“De grão em grão, a galinha enche o papo.”**

- Fato: através de “coisas menores”, vamos juntando e chegando a uma coisa maior.

**“A galinha que canta é dona dos ovos.”**

- Fato: quando ela termina de botar, ainda no ninho canta, dando o alarme.

**“Louça quebrada e bebida derramada traz sorte.”**

- Fato: pelo desconforto da situação, cria-se um pensamento positivo.

**“Quem sabe ler vai a Roma.”**

- Fato: para a pessoa alfabetizada não existem barreiras.

**“Dar a Cesar o que é de Cesar.”**

- Fato: justiça.

**“Fulano dá nó em pingo d’água.”**

- Fato: pessoa inteligente, carismática, para tudo dá-se um jeito.

Maria Elena Caputo de Castro



# CAPÃO DAS FLORES



Seguindo caminho, Saint Hilaire foi para a Fazenda Capão das Flores, construída nas encostas e defronte a um vale aberto, com a Estrada Real passando em sua porta. Há cerca de dois anos, a prefeitura do município de São Tiago retirou mais de 100 caminhões de pedra das ruínas da fazenda, para o calçamento das ruas.

Pesquisas, leituras, por mais desprezíveis, levam-nos a curiosidades, fatos e nomes da história de nosso município e região. E que aqui registramos.

• **Fazenda Capão das Flores** – A Fazenda Capão das Flores, em meados do séc. XVIII, aparece como propriedade de Bento de Jesus Teixeira. Era ele português, natural de Algarves, filho de Lourenço Teixeira e Andreza de Jesus. Casado em 1ªs núpcias com Maria José, sem filhos deste consórcio e em 2ªs núpcias com Dª Antonia Ribeiro da Silva, filha ela de Dionizio da Silva (falecido em 14/10/1766, em Ibituruna)<sup>(1)</sup> e de Dª Rosa de Oliveira e Lima<sup>(2)</sup> (Fonte: Inventário de Dionizio da Silva – 1767 – IPHAN/SJDR, cx. 303). Dª Antonia Ribeiro da Silva foi batizada aos 02/06/1746 em Barbacena, onde moravam os pais<sup>(3)</sup>. Com o falecimento de Bento de Jesus Teixeira em 24/08/1772<sup>(4)</sup>, a viúva Dª Antonia – que viria a falecer em agosto de 1801 - casa-se aos 18/08/1774 na Matriz do Pilar em São João Del-Rei, com o Alferes José da Silva Campos,<sup>(5)</sup> também português, natural da Freguesia de São Pedro de Avintes, bispado do Porto, filho de Manoel Alves Campos e Maria Francisca.

• **O casal José da Silva Campos e Dª Antonia Ribeiro da Silva**, pelo que nos foi dado apurar, teve os seguintes filhos: I – Narcisca Ribeiro da Silva, casada na Capela de São Tiago aos 30/04/1801 com o Alferes

Antonio Peixoto do Amaral, filho do Cap. João Peixoto do Amaral e Ana Barbosa de Magalhães<sup>(6)</sup> II – Josefa Maria Joaquina de Jesus, batizada na Capela de São Tiago aos 29/07/1787; casada aos 01/06/1806 na Ermida S. Vicente (São Tiago) com Manoel Coelho de Oliveira, filho homônimo de Manoel Coelho de Oliveira e Ana Dias de Oliveira (mudaram-se para Paraíba Nova/RJ); III – Custódia Ribeiro da Silva casada com Antonio Pereira Leite; em 1804, moravam em Pouso Alto/MG; em 1807 em Resende/RJ e em 1811 em Paraíba Nova/RJ.; IV – Joaquim da Silva Campos, com 34 anos em 1811 (em 1804 morava com o pai)

• **Em 04/09/1793**, há um requerimento de Sebastião José Esteves referente a carta de sesmaria das terras situadas na paragem do Capão das Flores, capela de São Tiago, vila de São José – APM SG Cx.26, Doc. 31. Fica o registro.

• **Em 1811**, a fazenda aparece como propriedade de Joaquim da Silva Campos, filho do Alf. José da Silva Campos e Antônia Ribeiro da Silva. Solteiro, em seu testamento, redigido na Fazenda Capão das Flores, em 26/02/1813, aberto aos 10/04 do mesmo ano, Joaquim da Silva Campos instituiu como herdeira universal, sua filha única Maria Joaquina da Silva, “nascida de Gertrudes Maria de Jesus, mulher parda, que foi minha escrava e presentemente forra e liberta”. Maria Joaquina, que contava 10 anos em 1813, casar-se-ia com José da Silva Flores, o qual em 05/03/1826 por escritura de composição na Vila de São João Del-Rei, fls. 128, (inventário do sogro) faz outorga na condição de ser “cabeça de sua mulher Maria Joaquina da Silva, única herdeira do inventariado Joaquim da Silva Campos”<sup>(7)</sup> (Fonte: Projeto Compartilhar) Bernardo José Gomes Carneiro, falecido em 1847, deixou legado em seu testamento à afilhada Ana, filha de José da Silva Flores e Maria Joaquina (Projeto Compartilhar – Origens dos Carneiros e Costa Rios)

Em fins do século XIX, a fazenda aparece como propriedade de José Maria de Lucca, italiano (ver matéria em nosso boletim n.....)

Em suma: **Proprietários da Fazenda Capão das Flores – fins do séc. XVIII e inícios do séc. XIX**: Bento de Jesus Teixeira – José da Silva Campos – Joaquim da Silva Campos – Maria Joaquina da Silva – Narcisca Ribeiro da Silva c/c Antonio Peixoto do Amaral

## NOTAS

(1) Rosa de Oliveira e Lima era natural de Barbacena, filha de Antonio de Faria Moreira e Ignês Ribeiro de Lima

Dionisio da Silva e Rosa de Oliveira e Lima casaram-se aos 15/11/1745 em Barbacena, onde eram moradores e nasceram seus filhos, a saber: I – Maria da Silva, batizada em Barbacena em 1744; casada posteriormente com Sebastião José Esteves; II – Antonia Ribeiro da Silva, batizada em Barbacena aos 02/06/1746; casada em 1ªs núpcias com Bento de Jesus Teixeira e em 2ªs núpcias com o Alf. José da Silva Campos; III – Ignez, batizada aos 12/01/1756, falecendo a 01 de maio do mesmo ano; IV – Ana Joaquina, nascida aos 05/09/1757 e batizada aos 12/09/1757; casada na Ermida de N. Sra. do Rosário aos 04/07/1787 com José da Silva Coelho.

(2) Bento de Jesus Teixeira e Antonia Ribeiro da Silva foram moradores da Aplicação de São Tiago, proprietários da Fazenda Capão das Flores, conforme se vê no inventário de Bento de Jesus Teixeira (+ 24/08/1772) Inventário iniciado/aberto em 15/10/1772

Do casamento de Bento de Jesus Teixeira com Dª Antonia Ribeiro da Silva, provieram 5 filhos, que em 1772 ainda viviam com a mãe: 1. Antonio Ribeiro de Jesus, com 9 anos; casado aos 11/01/1788 em S. João Del-Rei com Ana Maria dos Anjos: 2. Maria, 7 anos em 1772, enferma; 3. Genoveva com 6 anos em 1772; casada na capela de São Tiago aos 28/04/1788 com José Alves Pereira (que se mudaram para Pouso Alto, termo de Baependi, MG, onde eram/foram proprietários da Fazenda São José) José Alves Pereira era filho de Gaspar Alves de Mello e Ângela Pereira da Anunciação. O casal Genoveva

Ribeiro da Silva/José Alves Pereira deixou 5 filhos. Dª Genoveva foi inventariada em 1832, sendo inventariante seu filho José Alves Pereira de Mello. (Projeto Compartilhar – Rosa de Oliveira Lima / João Batista de Souza) 4. Clara Rosa da Conceição com 5 anos em 1772, casada na Capela de Bom Sucesso em 1788 com Manoel Machado Tostes; 5. Manoel Ribeiro da Silva com 2 anos em 1772, casado aos 11/11/1823 com Cândida Maria (que se mudaram para Lajes, SC). Quando se casou, Dª Antonia Ribeiro levou, como dote, 3 escravos e ainda uma saia de droguete, um manto de seda e um par de brincos de diamantes pequenos que não foram avaliados.

O inventário de Bento de Jesus Teixeira foi aberto aos 15/10/1772.

(3) “Aos 2 de junho de 1746, na pia batismal de Nossa Sra. da Ajuda, dessa freguesia de Nossa Sra. da Piedade da Borda do Campo, batizei eu, o padre Manoel, a Antonia, filha de Dionisio da Silva, natural de Sandim, bispado do Porto e de Rosa de Oliveira Lima, natural desta freguesia da Borda do Campo, onde são moradores. Neta paterna de José Alves e de Izabel André. Neta materna de Antonio de Faria Moreira e de Ignez Ribeiro. Padrinhos: João, solteiro e Lucia Garcia, mulher de Martinho de Faria Moreira, moradores dessa freguesia” Antonia Ribeiro da Silva nasceu no dia 14/05/1746. O casal Dionisio e Rosa de Oliveira Lima teve ainda os filhos: Maria da Silva, Ignez da Silva, Ana Joaquina Ribeiro e Ana Ribeiro (<https://www.geni.com/people/Antonia-da-Silva-genealogy>, acesso em 07/01/2019)

(4) José da Silva Campos era natural de São Pedro de Avintes, comarca da Feira, bispado do Porto, filho de Manoel Alves Campos e Maria Francisca, nascido por volta de 1736? Em seu casamento



com Antonia Ribeiro da Silva, teve os filhos: Narciza Ribeiro da Silva, Josefa Joaquina Ribeiro da Silva, Custódia Ribeiro da Silva, Joaquim da Silva Campos, Vicente José da Silva. O inventário do Alferes José da Silva Campos acha-se arquivado no IPHAN/SJDR, cx. 470, ano 1811, sendo inventariante seu genro o Alferes Antonio Peixoto do Amaral, casado com D<sup>a</sup> Narcisa Ribeiro da Silva. Além dos filhos legítimos que teve com D<sup>a</sup> Antonia Ribeiro da Silva, o Alferes José da Silva Campos reconheceu em testamento datado de 29/07/1804 na Vila de São João Del-Rei, os seguintes filhos naturais: 1. Florinda Rosa da Silva (que teve com Maria Francisca), casada na Capela de São Tiago aos 06/02/1793 com Manoel José de Barros, proprietários da Fazenda da Sesmaria (ver Box – Fazenda da Sesmaria) A denominação à região “Florinda” em nosso município é, pois, uma referência a D<sup>a</sup> Florinda Rosa da Silva; 2. Ana Rosa de Jesus (que teve com Maria Francisca de Jesus da Encarnação), casada na Capela de Pium-i, aos 26/11/1789 com Manoel da Silva Tavares; 3. José da Silva Campos (que teve com Maria de Jesus da Encarnação), casado aos 01/06/1794 na Capela de São Tiago com Ana Rosa da Anunciação, filha de João Batista de Souza e Leonor Pinto.

A Fazenda Capão das Flores, inventariada em 1811, é descrita em casas de vivenda, engenho de cana, paiol, moinho, todos cobertos de telhas, paiol e seus logradouros com terra de plantar, ermida e várias imagens, tudo avaliado em 975\$400.

O casal Alf. José da Silva Campos e D<sup>a</sup> Antonia Ribeiro da Silva teve, como já vimos, os seguintes filhos: 1. Narcisa Ribeiro da Silva, casada aos 30/04/1801, na Capela de São Tiago, com o Alf. Antonio Peixoto do Amaral; 2. Josefa Maria de Jesus (ou Josefa Joaquina da Silva, conforme mencionada em inventário paterno e na cert. casamento) batizada na Capela de São Tiago aos 29/07/1787; casada aos 01/06/1806 na Capela de São Tiago com Manoel Coelho de Oliveira, moradores na Paraíba Nova/RJ; 3. Custódia Ribeiro da Silva, casada com Antonio Pereira Leite, moradores na Paraíba Nova/RJ; 4. Joaquim da Silva Campos (solteiro); 5. Vicente José da Silva, batizado aos 06/04/1781; casado aos 18/04/1803 com Esmênia Maria de Jesus (mudaram-se para Pouso Alto/MG); 6. José da Silva Campos, batizado na Capela de São Tiago aos 07/06/1792; casado aos 12/02/1816 na Capela de São Tiago com Ana Inácia da Conceição. O Alf. José da Silva Campos (pai) ditou seu testamento em 1804, falecendo “cego” e “sem tino” aos 05/03/1811. Testamento aberto aos 05/03/1811 na Fazenda do Capão das Flores. Seu filho, Joaquim da Silva Campos, herdeiro da fazenda, veio a falecer aos 10/04/1813. Dessa forma a fazenda passou à filha natural deste, Maria Joaquina da Silva, casada com José da Silva Flores. Seria este casal, decerto, os proprietários da Fazenda, à época da passagem de Saint Hilaire (1819). Em algum momento, após 1826, a propriedade passaria para D<sup>a</sup> Narcisa Ribeiro da Silva, conforme afirmado em seu testamento lavrado na Fazenda do Capão em 1851.

O cientista Auguste de Saint Hilaire faz referências além da Fazenda Capão das Flores, às fazendas das Laranjeiras (propriedade, então, do Pe. José dos Santos de Faria) e do Cap. Pedro (Pedro Duarte de Faria) na região dos Taboões/ Carapuça, quando passou por nossa região em março de 1819.

(5) O Alferes Antonio Peixoto do Amaral, filho do Cap. João Peixoto do Amaral e Ana Barbosa de Magalhães, foi batizado aos 02/11/1776, sendo padrinho o Dr. Antonio Sebastião Salgado. Casou aos 30/04/1801 na Capela de São Tiago com Narciza Ribeiro da Silva, filha do Alf. José da Silva Campos e D<sup>a</sup> Antonia Ribeiro da Silva.

O casal Alf. Antonio Peixoto do Amaral e Narciza Ribeiro foram moradores de São Tiago, termo da Vila de São José, onde compareceram no censo de 1831, ele, fazendeiro, com 60 anos e ela com 50 anos, fiandeira. Além do casal, foram censoados como moradores do fogo 6, quarteirão 5 os seguintes dependentes: Vicente Ferreira do Amaral, 32 anos em 1831; João Peixoto, 25 anos; Joaquim Pinto, 20 anos; José Ignácio, 16 anos; Antonio, 10 anos; Francisco, 9 anos; Umbelina, 34 anos; Vicência, 21 anos; Ana, 8 anos e ainda 16 escravos. D<sup>a</sup> Narciza Ribeiro ditou seu testamento na Fazenda Capão das Flores aos 10/02/1851, aberto dois dias depois, sendo inventariada aos 15/03/1852.

Filhos do casal: I. Ana Custódia da Silveira, batizada aos 11/04/1819, c/c Nuno da Silva Musa aos 26/09/1838 na capela de São Tiago; II. Vicente Peixoto (Ferreira) do Amaral, 2º testamenteiro materno, batizado na capela de São Tiago em 1806; casou aos 18/01/1841 com Mariana Cândida de Cássia (ou Castro) na capela de São Tiago. D<sup>a</sup> Mariana Cândida foi batizada aos 21-12-1816 na capela de São João Batista (Morro do Ferro), filha de Manoel Francisco de Moraes e Maria Vicência Duarte (Projeto Compartilhar – Caetano de Carvalho Duarte); III. João Peixoto do Amaral, 1º testamenteiro e inventariante materno; casou aos 36 anos em 17/02/1844 na capela de São Tiago com Flora Cândida da Silva. D<sup>a</sup> Flora Cândida foi batizada aos 08-09-1806 na matriz de Tiradentes, filha do guarda mór Luiz Pereira da Silva e D<sup>a</sup> Batista Custódia do Céu Cabral. O guarda-mór Luiz Pereira da Silva foi sepultado na capela de São Tiago aos 16-07-1861 (Projeto Compartilhar – Maria de Siqueira Paes); IV. Maria Vicência da Silveira, batizada na capela de S. Tiago em 1809; V. Joaquim Pinto da Silveira,

batizado aos 22/09/1812; VI. José Ignácio da Silveira, batizado na capela de São Tiago aos 15/05/1815; VII. Antonio Peixoto do Amaral, 3º testamenteiro materno, batizado aos 06/10/1816 na capela de S. Tiago; VIII. Francisco Antonio do Amaral batizado na capela de S. Tiago aos 19/10/1820 (Fonte: Projeto Compartilhar – Joaquim Pinto de Magalhães)

O Alf. Antonio Peixoto do Amaral era irmão do Pe. João Peixoto do Amaral e Magalhães, batizado aos 30/09/1759, que deu assistência à capela de São Tiago em 1802 Sobre o Pe. João Peixoto do Amaral ver matéria em nosso boletim n.....

(6) Maria Joaquina da Silva, filha natural de Joaquim da Silva Campos e a escrava Gertrudes Maria de Jesus estava com 10 anos em 1813; em 1826 estava casada com José da Silva Flores, casal este que teve os filhos: I – Antonia Jesuina da Silveira casada aos 31/01/1844 na capela de São Tiago com Manoel Francisco Barbosa; II – Maria, batizada na capela de São Tiago aos 28/11/1829; III – João, batizado na capela de São Tiago aos 07/08/1832

Há que se registrar que a Fazenda (ou parte dela) aparece (1840) como propriedade de Joaquim Rodrigues Pacheco c/c Máxima Jesuina da Silveira. D<sup>a</sup> Máxima fez seu testamento datado de 24-07-1840, nomeando como testamenteiro(s) seu marido Joaquim Rodrigues Pacheco e como adjunto o Guarda-mor Antonio José Gomes Carneiro. No inventário de D<sup>a</sup> Máxima Jesuina da Silveira (Cx. 606 – MRSJDR) a Fazenda Capão das Flores é mencionada como bem de raiz sendo “uma morada de casas velhas, térreas, cobertas de telha, paiol velho de telha, moinho com falta de alguns aparelhos, muito velho e danificado 100\$000; cinquenta alqueires de terras de cultura 900\$000; quarenta alqueires de campos 250\$000”

## INVENTÁRIO DO TEN. HIPÓLITO JOSÉ DE FARIA

No inventário do Ten. Hipólito José de Faria, datado de 22/10/1834 (Cx. 82, ano 1834, IPHAN SJDR), sendo inventariante a viúva D<sup>a</sup> Maria Cândida de Santana, consta a Fazenda do Capão das Flores como propriedade inventariada. Filhos (herdeiros) do Ten. Hipólito José de Faria e D<sup>a</sup> Maria Cândida de Santana:

I – Vicência Paulina de Santana, c/c Antonio Ribeiro de Carvalho; II – Gertrudes Cândida de Santana, com a idade de 24 anos, posteriormente casada com Caetano Machado Neves; III – Bárbara Cândida do Amor Divino, com a idade de 23 anos; IV – Vicente Cândido José de Faria (\*1813), com 21 anos<sup>(1)</sup> Em 1866, Vicente já era falecido, tendo inventário de sua mãe, D<sup>a</sup> Maria Cândida de Santana, se habilitado os seguintes herdeiros: I – João Gaudêncio de Sousa e s/m Maria da Glória de Faria; II - Antonio Alves da Silva e s/m Maria Vicência de Faria; III – Martiniano Silvino de Almeida e s/m Ignácia Carolina de Faria; IV – Francisco Alves da Silva e s/m Maria Cândida de Faria.

No inventário de D<sup>a</sup> Maria Cândida de Santana (cx. 429, ano 1866, Iphan SJDR), afirma-se que ele foi realizado amigavelmente entre as partes (filhas e genros), mencionando-se, como bem de raiz, casa no arraial de São Tiago no valor de 105\$000.

Além da Fazenda do Capão, o casal era proprietário de terras nas fazendas Boa Vista, Tatu, Capão Grosso, Córrego das Antas, Córrego das Almas, Desemboque (Triângulo Mineiro) e casa no arraial de São Tiago. Monte-mor 9:426\$925

Em 1840, a Fazenda Capão das Flores aparece no inventário de Máxima Jesuina da Silveira e em 1852 no inventário de Narcisa Ribeiro da Silva (projeto Compartilhar)<sup>(2)</sup>

### NOTAS

(1) Vicente Cândido José de Faria, nascido em 1813, foi batizado, como certamente todos os demais irmãos, na Capela de São Tiago: “Aos dois de novembro de mil, oitocentos e treze, na Capela de São Tiago, batizou e pôs os santos óleos a Vicente, filho do Tenente Hipólito José de Faria e Dona Maria Cândida de Santana. Padrinhos o Padre José Coelho dos Santos e Dona Mariana Ferreira da Silva. Vigário José Lopes Cançado” (Livro de batizados da Matriz (Pilar), Capela de São Tiago, fls. 135v)

(2) Em seu testamento datado de 10/02/1851, redigido na Fazenda do Capão das Flores (cx. 130 e 256, ano 1852, Iphan SJDR), aberto aos 12/02/1851, D<sup>a</sup> Narcisa Ribeiro da Silva afirma ser natural da Aplicação de São Tiago, filha legítima de José da Silva Campos e de Antonia Ribeiro da Silva, já falecidos; que fora casada com Antonio Peixoto do Amaral, também já falecido e de cujo matrimônio tiveram sete filhos: I – Vicente José do Amaral (2º testamenteiro); II – João Peixoto do Amaral (1º test<sup>o</sup>); III – Joaquim Pinto da Silveira; IV – Francisco Antonio do Amaral; V – José Ignácio da Silva; VI – Maria Vicência da Silveira; VII – Antonio Peixoto do Amaral (3º test<sup>o</sup>). D<sup>a</sup> Narcisa foi inventariada aos 15/03/1852, deixando como bens a Fazenda do Capão das Flores, com terras de cultura e de campo, mato seco, no valor montemor de 12:099\$000 (Projeto Compartilhar – Testamento e Inventário de Narcisa Ribeiro da Silva)

## JOSÉ DA SILVA CAMPOS - DESCENDÊNCIA

José ditou seu testamento em 1804, quando já não podia mais escrever ou assinar por si. Faleceu cego e "sem tino" aos 05-03-1811. No testamento declarou seis filhos legítimos e mais:

Filhos naturais de José da Silva Campos havidos em solteiro:  
 - Florinda Rosa da Silva, filha de Maria Francisca, casada aos 06-02-1793 com Manoel José de Barros filho de outro Manoel José de Barros e de Mariana Claudia Teodora Serpa Pinto. Mariana Claudia casou em segundas com Leandro Joaquim de Magalhães, filho de João Peixoto do Amaral e Ana Barbosa de Magalhães (família "Joaquim Pinto de Magalhães")

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. S. Tiago aos 06-02-1793 Manoel Jose de Barros, desta. f.l. Manoel Jose de Barros e Mariana Claudia Teodora Serpa = cc Florinda Rosa da Silva, desta, f. natural de Maria Francisca, test.: João Caetano de Santana e Antonio Ribeiro de Carvalho.

Manoel José de Barros (o velho), nasceu no termo de Ponte de Lima, Comarca de Valença- PT, filho de João Fernandes de Miranda e Rosa Antunes. Aos 18-05-1766, na capela de Santa Rita filial de São João del Rei, casou com Mariana Claudia Teodora Serpa Pinto, filha de Rodrigo Felix Serpa Pinto e Escolástica da Cunha.

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. Santa Rita aos 18-06-1766 Manoel Jose de Barros, de S. Salvador de Ponte de Lima Arc. Braga, f.l. João Fernandes de Miranda e Rosa Antunes = cc Mariana Claudia Teodosia Pinto, desta, f.l. Rodrigo Felis Serpa Pinto e Escolastica da Cunha, test.: Manoel Paes de Souza e Manoel Luiz Dias.

Em Minas Gerais foi proprietário da Fazenda Sesmaria na Aplicação de São Tiago, termo da Vila de São José, onde ditou seu testamento aos 20-07-1793, aberto no mês seguinte. Segundo seu inventário, neste site, deixou viúva Mariana Claudia Theodora e doze filhos de seu casal, tutelados por Joaquim Cláudio Dias (idades em 1794)

- José Felis de Barros, 30 anos. Em 1799, referido ainda como "órfão", vivia com a mãe.

- Maria do Nascimento, batizada em 22-09-1766. Também "órfã" aos 33 anos.

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. Santa Rita aos 22-09-1766 Maria do Nascimento, f.l. Manoel Jose de Barros e Mariana Claudia Teodora, padr.: Brígida Moreira, viuva.

- Manoel José de Barros, testamenteiro paterno, casado com Florinda da Silva, supra citada.

- João José de Barros, 24 anos.

- Rosa Maria da Conceição, batizada em 22-06-1772.

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. Santa Rita aos 22-06-1772 Rosa, f.l. Manoel Jose de Barros e Mariana Claudia Teodora, padr.: Manoel Francisco Lima e s/m Maria da Conceição.

- Ana Joaquina, com 18 anos em 1794. Aos 24-11-1796 casou com Francisco Coelho Ribeiro, viúvo de Ana Inácia. Com geração na família "Francisco Xavier do Prado".

B7: Casamentos - SJDRei, aos 24-11-1796 capela de Santiago, Francisco Coelho Ribeiro, viúvo de Anna Ignacia; = cc. Anna Joaquina, f.l. Manoel Jose de Barros e Marianna Claudia Theodora, n/b nesta freguesia.

- Antonio José de Barros, batizado em 18-07-1771. Aos 03-07-1809 casou com Mariana Josefa da Silva, filha de Inacio da Silva Leal e Mariana de tal.

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. Santa Rita aos 18-07-1771 Antonio, f.l. Manoel Jose de Barros e Mariana Claudia Teodora, np João Fernandes de Miranda, da S. Salvador Arc. Braga e Rosa Antunes da freg. de Santa Maria Miranda Arc. Braga, nmaterna Rodrigo Felix Serpa Pinto da freg. de S. Miguel de Oliveira e -----, padr.: Padre Jose Fernandes e ---- Cunha.

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. S. Tiago aos 03-07-1809 Antonio Jose de Barros, da cap. S. Tiago, f.l. Manoel Jose de Barros e Mariana Claudia Teodora = Mariana Josefa da Silva, desta, f.l. Inacio da Silva Leal e Mariana ---- test.: Joaquim Rodrigues Pacheco e João Ferreira de Almeida.  
 - Joaquim, batizado em 06-11-1779..

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. S. Tiago aos 06-11-1779 Joaquim, f.l. Manoel Jose de Barros e Mariana Claudia Teodora, padr.: Francisco Gonçalves e s/m Maria Josefa.

- Francisco, 10 anos. Aos 17 anos exercia o ofício de sapateiro.

- Mariana, 9 anos.

- Sebastião, batizado em 25-10-1784.

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. S. Tiago aos 25-10-1784 Sebastião, f.l. Manoel Jose de Barros e Mariana Claudia Teodora, padr.: Sebastião Jose Esteves e Maria da Silva

- Bento, batizado em 28-03-1791.

Matriz N. Sra do Pilar de S. João del Rei e capelas filiadas, cap. S. Tiago aos 28-03-1791 Bento, f.l. Manoel Jose de Barros e Mariana Claudia Teodora, padr.: Manoel, solteiro e Maria Josefa.

Florinda e Manoel José tiveram os filhos, q.d.:

- José, batizado em 08-12-1797.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 08-12-1797 Jose, f.l. Manoel Jose de Barros e Florinda Rosa da Silva, padr.: João Jose de Barros e Custodio Ribeiro.

- Mariano, em 21-03-1802

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 21-03-1802 Mariano, f.l. Manoel Jose de Barros e Florinda Rosa da Silva, padr.: Alf. Joaquim Rodrigues Pacheco e Rosa Maria da Conceição

- Ana, em 25-03-1804

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 25-03-1804 Ana, f.l. Manoel Jose de Barros e Florinda Rosa da Silva, padr.: Carlos Alexandre Ribeiro e Francisca Josefa da Assunção.

- Serafim, em 05-06-1806

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 05-06-1806 Serafim, f.l. Manoel Jose de Barros e Florinda Rosa da Silva, padr.: Francisco Jose do Amaral.

- Silvéria, em 07-08-1808

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 07-08-1808 Silveria, f.l. Manoel Jose de Barros e Florinda Rosa da Silva, padr.: Amaral e Ana Josefa, solteiros

- Manoel, em 24-12-1810

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 24-12-1810 Manoel, f.l. Manoel Jose de Barros e Florinda Rosa da Silva, padr.: Alf. Joaquim Jose da Fonseca e s/m Francisca Josefa - Ana Rosa de Jesus, casada aos 26-11-1789 com Manoel da Silva Tavares, moradores na Ponte Nova. Manoel era filho natural de Bárbara Tavares e viúvo de Ana Antonia da Silva..

B7: Matriz de Nossa Senhora do Pilar SJDRei e capelas filiadas, aos 26-11-1789 Cap. N.Sra. da Conceição do Piumhi, Manoel da Silva Tavares, f. natural de Barbara Tavares e viúvo de Ana Antonia da Silva, n/b nesta freguesia; = cc. Ana Rosa de Jesus, f. natural de Maria Francisca de Jesus da Encarnação, n/b nesta freg.

Manoel e Ana Antonia tiveram, pelo menos, o filho Manoel batizado em 25-03-1786.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. N. Sra de Nazare aos 25-03-1786 Manoel, f.l. Manoel da Silva Tavares e Ana Antonia da Silva, padr.: Antonio Jorge da Silva e Sebastiana Marques da Costa cc Simão da Silva.

Ana Rosa e Manoel tiveram os filhos, q.d.:

- Severino, batizado em 21-11-1790.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. N. Sra de Nazare aos 21-11-1790 Severino, f.l. Manoel da Silva Tavares e Ana Rosa de Jesus, padr.: Antonio Jorge da Silva, solteiro e Antonia Ribeiro da Silva por pp a Jose da Silva Campos.

- Maria, em 13-05-1792.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. N. Sra de Nazare aos 13-05-1792 Maria, f.l. Manoel da Silva Tavares e Anar Rosa de Jesus, padr.: Cap. Custodio Jose Dias e Caetana Rosa.

- Delfina, em 30-11-1793

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. N. Sra de Nazare aos 30-11-1793 Delfina, f.l. Manoel da Silva Tavares e Anar Rosa de Jesus, padr.: Manoel Jose Gonçalves e Maria Narcisa de Jesus.

- Justina, em 26-12-1795.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. N. Sra Bom Sucesso aos 26-12-1795 Justina, f.l. Manoel da Silva Tavares e Anar Rosa de Jesus, padr.: Alf. Pedro Martins de Faria e Ana Francisca cc Dionisio Gonçalves Pedreira.

- Luiza, em 25-12-1797.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Gonçalo do Ibituruna aos 25-12-1797 Luiza, f.l. Manoel da Silva Tavares e Anar Rosa de Jesus, padr.: Custodio Jose Dias e D. Mariana de Almeida Silva.

- José da Silva Campos, casado aos 01-06-1794 com Ana Rosa da Anunciação, filha de João Batista e Leonor Pinta. Geração na família "João Batista de Souza".

B7: Matriz de Nossa Senhora do Pilar SJDRei e capelas filiadas, aos 01-06-1794 Capela de S. Thiago, Jose da Silva Campos, f. de Maria de Jesus da Encarnação; = cc. Ana Rosa da Anunciação, f.l. de João Baptista de Souza e Leonor Pinta da Conceição. Nts/bts nesta freguesia. Test.: Manoel Jose Penna e Dionisio Pinto.

Filhos legítimos de Antonia e José da Silva Campos

2-6 Narcisa Ribeiro da Silva, aos 30-04-1801 casou com Antonio Peixoto do Amaral, filho de João Peixoto do Amaral e Ana Barbosa de Magalhães. Geração na família "Joaquim Pinto de Magalhães".

B7: - Casamentos - SJDRei, aos 30-04-1801 Capela de S. Tiago, Alferes Antonio Peixoto do Amaral, f.l. do Capitão João Peixoto do Amaral e D. Anna Barbosa de Magalhaens; = cc. D. Narciza Ribeiro da Silva, f.l. de Joze da Silva Campos e D. Antonia Ribeira da Silva.

2-7 Josefa (Maria) Joaquina de Jesus, batizada em 29-07-1787. Casou com Manoel Coelho de Oliveira, natural do Bispado do Porto, filho de Manoel Coelho de Oliveira e Ana Dias de Oliveira.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 29-07-1787 Josefa, f.l. Jose da Silva Campos e Antonia Ribeira da Silva, padr.: Martinho de Faria Moreira e Maria de Jesus

B7: Casamentos - SJDRei-MG, aos 01-06-1806(?) Ermida S. Vicente Aplicação da Capela de S. Tiago, Manoel Coelho de Oliveira, f.l. Manoel Coelho de Oliveira e Ana Dias de Oliveira, n. Bispado do Porto; = cc. Josefa Joaquina da Silva, f.l. Joze da Silva Campos e Antonia Ribeira, n/b nesta freguesia.

Em 1804 moravam "ao pé" do pai de Josefa. Em 1811 Manoel morava em Paraíba Nova. Passaram uma procuração na Vila de N Sra da Conceição do Campo Alegre de Resende. Tiveram filhos batizados na matriz Resende-RJ (acervo pes-



soal de Itamar Bopp):

2-7-1 Francisco, nasceu aos 27-07-1813 e foi batizado aos 08 do mês seguinte.  
08-08-1813 Francisco, n. 27-07, f.l. de Manoel Coelho de Oliveira, n. Bastos Bis-pado do Porto e Josefa Joaquina da Silva, n. Arraial Santiago-MG; np de Manoel Coelho de Oliveira e Ana Dias de Oliveira, n. Caltor Bispadado do Porto; nm de Jose da Silva Campos, n. Europa e Antonia Ribeira, n. Barbacena. Bat. na Matriz de Resende pelo Vig. Jose Antonio Martins de Sá (0857)

2-7-2 Francisca, nasceu aos 01-04-1815 e batizada aos 10 do mesmo mês.  
10-04-1815 Francisca, n. 01-04, f.l. de Manoel Coelho de Oliveira, n. freg. Porto e Josefa Joaquina da Silva, n. do Arraial de Santiago, Bispadado de Mariana; np Manoel Coelho de Oliveira e Ana Dias, n. freg. Viade Bisp. do Porto; nm Jose da Silva Campos, n. da Europa e Antonia Ribeira, n. Barbacena; padr.: Manoel Gomes de Carvalho e Ana Teresa, mulher de Manoel Gonçalves. Bat. na Matriz de Resende pelo Vig. Jose Antonio Martins de Sá (0917)

2-7-3 Maria Joaquina da Silva casou com Joaquim Mendes Carvalho, filho do Cap. Capitão Joaquim Mendes de Carvalho e Maria Josefa de Carvalho, neto paterno de Manoel Mendes de Carvalho e Antonia Maria de Souza, neto materno de Luiz Pinto de Carvalho e Barbara Maria Leite; familia "Mendes de Carvalho" de Aiuruoca, Cap. 3º.

Pais de, q.d.:  
2-7-3-1 José, batizado em Resende-RJ em 30-03-1834.  
30-03-1834 pelo Vigário Antonio Maria Ribas Sandim, Jose, f.l. de Joaquim Mendes de Carvalho, n. de Minas e Maria Joaquina da Silva; np Joaquim Mendes de Carvalho e Maria Josefa de Carvalho. nm de Manoel Coelho de Oliveira e Josefa (riscou o Maria) (Joaquina) da Silva; padr.: Francisco Nunes da Silva Rodrigues e Maria Custodia Pereira da Silva (acervo Itamar Bopp - ficha 1621)

2-7-3-2 Francisco Mendes de Carvalho, registrou terras em 1856.  
Registro de Terras: N. Sra. da Conceição do Campo Alegre, Resende - RJ, lv. 67 fls. 77/78, 116- Francisco Mendes de Carvalho, divide com: Frutuoso da Costa e Almeida, com os herdeiros de Manoel Jose da Silva, com o meu pai sr. Joaquim Mendes de Carvalho, que possui por compra que fiz a Luiz Antonio do Prado e Anna Leopoldina da Rocha. 19 jan 1856.

2-7-3-3 Joaquim Mendes de Carvalho, com 44 anos em 25-09-1882, casou com Amélia Nartins Carneiro Guimarães, com 25 anos, filha de José Martins Carneiro Guimarães e Ana Carneiro de Sá.

25-09-1882 Igreja do Rosario desta matriz p. Padre João da Matta Tarlé, Joaquim Mendes de Carvalho, 44 anos n/b nesta freguesia, f.l. Cap. Joaquim Mendes de Carvalho e Maria Josefa de Carvalho; = cc. Amelia Martins Carneiro Guimarães, 25 anos n/b nesta freguesia, f.l. Jose Martins Carneiro Guimarães e Da. Ana Carneiro de Sá Martins, Test.: Jose Antonio da Silva e Francisco Mendes de Carvalho (acervo Itamar Bopp - ficha 3681)

2-8 Custódia Ribeira da Silva, casada com Antonio Pereira Leite. Em 1804 moravam em Pouso Alto, em 1811 na Paraíba Nova. Em 1807 passaram uma procuração na Vila de Resende a José Fernandes Leite e a seus irmãos e cunhados José Ferreira Leite, Fortunato Pereira Leite.

2-9 Joaquim da Silva Campos, com 34 anos em 1811. Em 1804 morava com o pai. Joaquim redigiu seu testamento aos 26-02-1813, aprovado no dia seguinte na Fazenda do Capão das Flores, Aplicação do Senhor São Thiago do Termo da Vila de São José e aberto em dez de abril do mesmo ano. Solteiro, instituiu por sua universal herdeira a filha única (inventário neste site):

2-9-1 Maria Joaquina da Silva, filha natural, "nascida de Gertrudes Maria de Jesus, mulher parda, que foi minha escrava e presentemente forra e liberta". Maria, com 10 anos em 1813, em 1826 estava casada com José da Silva Flores. Pais de, q.d.:  
2-9-1-1 Antonia Jesuina da Silveira aos 31-01-1844 casou com Manoel Francisco Barbosa, filho natural de Antonia Maria de Paiva(?).

B7: Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso (Bom Sucesso, Minas Gerais) cas - aos 31-01-1844 S. Tiago, Manoel Francisco Barbosa, f. nat de Antonia Maria de Payva(?) = cc Antonia Jesuina da Silvr., f.l. Jose da Silva Flores e Maria Joaquina da Silva, moradores nesta freguesia, test.: Antonio Jose Gomes Carneiro e João Peixoto da Silva.

2-9-1-2 Maria, batizada em 28-11-1829.  
B7: Batismos - Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso (Bom Sucesso, Minas Gerais) cap. S. Tiago aos 28-11-1829 Maria, f.l. Jose da Silva Flores e Maria Joaquina da Silva, padr.: Manoel Jose Gomes Carneiro e D. Maria Zeferina filha do Cap. Bernardo Jose Gomes Carneiro.

2-9-1-3 João, em 07-08-1832.  
B7: Batismos - Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso (Bom Sucesso, Minas Gerais) cap. S. Tiago aos 07-08-1832 João, f.l. Jose da Silva Flores e Maria Joaquina, padr.: Joaquim Jose Gomes e Vicência Jesuina da Silva

2-10 Vicente José da Silva, batizado em 06-04-1781. Aos 18-04-1803, casou com Esméria Maria de Jesus, batizada em 14-09-1783, filha de Antonio de Paiva e Mello e Teresa Maria de Jesus. Em 1804 era morador em Pouso Alto. Em 1810 vendeu seus direitos à herança paterna, resolvido que estava a se mudar para o sertão de Goiás.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. N. Sra. da Conceição da Barra aos 06-04-1781 Vicente, f.l. Jose da Silva Campos e Antonia Ribeira da Silva, padr.: Alf. Antonio Ferreira Carneiro e Custodia Ferreira de Oliveira.

B7: - Casamentos - SJDR, aos 18-04-1803 matriz, Vicente Jose da Silva, f.l. Joze da Silva Campos e Antonia Ribeira, já falecida; = cc. Esmeria Maria de Jesus,

f.l. de Antonio de Paiva e Mello e Thereza Maria de Jesus. Nts/bts nesta freguesia. Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 14-09-1783 Esmeria, f.l. Antonio Paiva Mello e Teresa Maria de Jesus, padr.: Manoel da Costa Afonso e Ana de Almeida, solteiros.

Pais de, q.d.:  
2-10-1 Claudina, batizada em 01-04-1804.  
Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, aos 01-04-1804 Claudina, f.l. Vicente Jose da Silva e Esmeria Maria de Jesus, padr.: Antonio Pereira Leite e Custodia da Silva, da freg. de Pouso Alto.

2-10-2 José, em 08-11-1806.  
Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. N. Sra da Conceição da Barra aos 08-11-1806 Jose, f.l. Vicente Jose da Silva e Esmeria Maria de Jesus, da aplicação de S. Tiago, padr.: Alf. Antonio Peixoto do Amaral e s/m Narcisca Ribeiro da Silva.

2-11 José da Silva Campos, batizado em São Thiago aos 07-06-1792 (certidão no inventário paterno). Aos 12-02-1816 casou com Ana Inácia da Conceição, batizada em 12-07-1795, filha de Joaquim José Ribeiro e Rita Vitória do Carmo.

B7: Casamentos - SJDR, aos 12-02-1816 na ermida S. Jose da Aplicação de S. Tiago, Jose da S.ª Campos, f.l. Jose da S.ª Campos e Antonia Ribeiro da S.ª, = cc. Ana Ignacia da Conceição, f.l. Joaquim Jose Ribeiro e Rita Victoria do Carmo. Nts/bts nesta freguesia de SJDR.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 12-07-1795 Ana, f.l. Joaquim Jose Ribeiro e Rita Vitória do Carmo, padr.: Manoel Bernardes e D. Inacia Caetana de Souza.

Pais de, q.d.:  
2-11-1 Maria, batizada em 25-12-1816. Maria Inácia de Jesus aos 17-05-1834 casou com Custódio de Siqueira Pinto, filho de Isidoro de Siqueira Pinto e Antonia Maria de Jesus.

Matriz de Nossa Senhora do Pilar e Capelas Filiadas, cap. S. Tiago aos 25-12-1816 Maria, f.l. Jose Silva Campos e Ana Inacia, padr.: Cap. Lourenço Ribeiro Brito e D. Maria Marcelina.

Carmo de Minas, MG Igreja N Sra do Carmo matr - aos 17-05-1834 na capela do Espirito Santo filial desta matriz, Custodio de Siqueira Pinto, f.l. Izidoro de Siqueira Pinto e Antonia Maria de Jesus = cc Maria Inacia de Jesus, f.l. Alf. Jose da Silva Campos e Ana Inacia de Jesus., Test.: Bento Ribeiro da Silva e Izidoro de Siqueira Pinto.

Isidoro de Siqueira Pinto era natural de Guaratingueta-SP, filho de Francisco Vaz Pinto e Tomazia Luiza dos Santos. Testou em 12-05-1835 declarando naturalidade, filiação, conjuge e sua geração:

Carmo de Minas, MG Igreja N Sra do Carmo obitos (...) Eu Izidoro de Siqueira Pinto, f.l. Francisco Vaz Pinto e Thomazia Luiza dos Santos, nat/bat na vila de Santo Antonio de Guaratingueta e de presente morador nesta capela do Espirito Santo filial da matriz de N Sra do Monte do Carmo do municipio da vila de Baependi (...) da maneira seguinte:

Sou casado com Antonia Maria de Jesus, de cujo matrimonio tivemos os filhos seguintes: David = Antonio = Custodio = Efigenia = Silveria, esta casada a primeira com Joaquim de Souza e a segunda com Luiz Antonio G--illo, unicos herdeiros que reconheço.

Testamenteiros em 1º a David, em 2º a Antonio e em 3º lugar a Custodio, meus filhos.

Deixo de minha terça a Ignacio e Jose, ambos filhos de Francisco de Paula Lemes 200\$000 rs em dinheiro a cada um, e um escravo a cada um no valor de 400\$000 rs a cada um. O restante de minha terça, depois de cumpridos os meus legados, fica pertencendo aos nossos mencionados filhos e filhas.

12-05-1835 Izidoro de Siqueira Pinto. Segue-se a aprovação  
3- Ignez, batizada aos 12-01-1756, faleceu em primeiro de Maio do mesmo ano.

Barbacena aos 12-01-1756 Barroso, IGNEZ, f.l. de Dionisio da Silva e s/m Rosa de Oliveira; np de Jose Als e de Isabel Andre; nm de Antonio de Faria Moreira natural da vila de Santos e s/m Ignez Ribeira natural da vila de Mogi Bispadado de S. Paulo. Padr.: Agostinho Novaes e Quiteria Maria filha de Feliciano Cardoso.

B7: óbitos - Igreja Nossa Senhora da Piedade (Barbacena-MG) aos 01-05-1756 fal. Ignez, parvula, filha de Dionisio da Silva .

4- Ana Joaquina, batizada aos 12-09-1757. Casou na Ermida de N Sra do Rosário aos 04-07-1787 com José da Silva Coelho, natural de S. Eulália, Bispadado do Porto, filho de Sebastião da Silva Coelho e Eugenia de Beça.

Barbacena - aos 12-09-1757 ANNA nascida aos 05 do dito, f.l. de Dionisio da Silva natural da freguesia de Sandim Bispadado do Porto e s/m Rosa de Oliveira natural desta; np de Joze Alz natural da freguesia de S. Pedro de Canedo Bispadado do Porto e s/m Izabel Andre natural da dita freguesia de Sandim; nm de Antonio de Faria Moreira natural da vila de Santos e s/m Ignes Ribeira natural da vila de Mogi Bispadado de S. Paulo. Padr.: Matheus Pinto de Andrade e Quiteria, solteira filha de Feliciano Cardoso, todos desta freguesia.

B7: Matriz de Nossa Senhora do Pilar SJDR e capelas filiadas, aos 04-07-1787 Ermida N. Sra. do Rosario, Jose da Silva Coelho, f.l. Sebastião da Silva Coelho e Eugenia de Beça, n/b na freg. de Santa Eulalia da Ordem Bispadado do Porto; = cc. Ana Joaquina, f.l. de Dionisio da Silva e Rosa de Oliveira, n/b na freg. de Nossa Sra. da Piedade da Borda do Campo, e assistentes na Aplicação de S. Tiago freguesia desta vila.

Fonte: Site [www.geni.com.br](http://www.geni.com.br)

# SUMÉ (SÃO TOMÉ)

Sumé, personificado pelos evangelizadores jesuítas como o apóstolo São Tomé, é uma figura do panteão de crenças e milenares tradições de nossos indígenas, simbolizado num grande pajé branco, barbado, pacífico e que teria vindo do mar. Entidade e doutrinador maior que esteve entre os índios tupis antes da chegada dos colonizadores portugueses, transmitindo uma série de conhecimentos aos nativos, dentre eles as práticas do artesanato (como a tecelagem) e da agricultura. Civilizador maior das tribos tupis, Sumé introduziu ainda, entre os índios, novos princípios religiosos e morais e ensinou-lhes o plantio da mandioca, enterrando, para tal, segundo uma das versões, um pedaço de seu bordão e que viria a brotar, bem como a maneira de prepara-la, como o beneficiamento da mandioca em farinha. Ministrou-lhes ainda técnicas de como abrir caminhos – os chamados peabirus – e teria ele próprio aberto o “caminho da montanha do sol” em direção ao Peru. No sul do Brasil e Paraguai, teria ensinado ainda o cultivo e o uso da erva-mate, a prática de pescar utilizando anzóis a partir de espinhos. Trata-se de um mito encontrado desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul e que, segundo alguns pensadores, é de influência inca (deus

Viracocha). Era um homem poderoso, pois andava sobre as águas, deixava rastros entre as pedras (gravuras líticas das plantas de suas mãos e pés).

Curava feridas e doenças, o que despertou contra si o ódio de caciques e pajés; diz-se que, de seu corpo, não minava sangue algum. Era incólume a quaisquer ataques. Por ter proibido a poligamia e o canibalismo, Sumé fora expulso pelos tupi-nambás, sendo atingido, certa manhã, por traçoas flechadas que, ao atingi-lo, retornaram aos arqueiros atiradores, ferindo-os de morte. Nas suas “Cartas do Brasil”, datadas de 1549, Pe. Manuel da Nóbrega descreve várias lendas dos índios brasileiros, dentre elas a de Sumé, homem branco de longos cabelos e barbas brancas que planava no ar e levitava sobre as águas.

Segundo alguns cronistas, Sumé ou Payé Zumé seria filho de Manco Capac e Mama-Oclo Coya, imperadores da última dinastia incaica do Peru, dali dirigindo-se ao Paraguai e ao Brasil (Juan C. Durand – Lendas Incaicas). Para outros estudiosos, há características semelhantes entre os mitos de Sumé (São Tomé) e a divindade incaica Viracocha, cultuada em considerável parte da América do Sul (Peru, Paraguai, Bolívia, Brasil). Outra versão lendária diz que Sumé ou São Tomé teria também se dirigido, planando sobre as águas, à Índia, a fim de lá catequizar seus habitantes.

Teria deixado dois filhos, Tamandaré e Ariconte, que, possuidores de natureza, temperamento e complexão diferentes, se hostilizavam.

# SÃO TOMÉ DAS LETRAS

Uma cidade mineira acha-se direta e indiretamente associada à figura de Sumé ou São Tomé, ainda que de forma místico-religiosa e hagiotoponímica. Trata-se de São Tomé das Letras, com seu casario rústico e rijo, extraído às rochas vivas da montanha do Vale das Letras, configurando um riquíssimo patrimônio histórico-cultural, com seu manancial natural, geológico e paisagístico e que vem sendo dilapidado, lamentavelmente, com a exploração mineralógica desordenada e mesmo pelo turismo desordenado. Um local de lendas, mundos subterrâneos, petróglifos e tantas outras referências místicas. São Tomé das Letras é conhecida na tradição esotérica teúrgica como “Asgarmat”, o que significa “pedra de fogo” e tem como correspondente em Portugal a cidade de Braga. Reza ainda a oralidade que o Pe. Anchieta, ao seguir o roteiro de Itanhaém, passando pelo sul de Minas, permaneceu cinco dias em São Tomé das Letras. O governador Martinho de Mendonça de Pena e Prouença, que também era poliglota, filólogo, membro da Real Academia de Lisboa, realizou, por sua vez, em 1730, investigações sobre as misteriosas inscrições de São Tomé das Letras.

Região de maravilhosas formações geológicas com suas camadas graníticas fragmentadas, águas abundantes, rica história colonial – caminho de bandeirantes – e com intrigante tradição esotérica. Primitivo arraial bandeirante, a 1440 m de altitude, sua fundação acha-se ligada ao arcebispo português João Francisco Junqueira que aí se estabeleceu no século XVIII, no antigo território das “Lavras de Minas”. Segundo historiadores, a região era terra dos agressivos índios mandiboias (cataguases) com aldeias em São Tomé das Letras e Baependi, cujos últimos chefes foram os caciques Itajibaçu e seu filho Jaguariúna, que opuseram feroz resistência inicial à penetração dos invasores brancos.

**ORIGENS DA CIDADE** - Seu nome deve-se à lenda sobre o suposto encontro, no final do século XVIII, de uma estátua de São Tomé em uma gruta pelo escravo João Antão, fugitivo da fazenda de João Francisco Junqueira, juntamente com uma carta de letra e redação perfeitas (impossível para um escravo analfabeto).

Outra versão da lenda diz que a carta teria sido entregue na gruta a João Antão por um senhor de vestes brancas, o qual ordenara fosse entregue ao seu dono João Francisco Junqueira. Este, impressionado pelo relato do escravo, concedeu-lhe alforria, determinando, ademais, a construção de uma igreja ao lado da referida gruta, onde hoje se localiza o centro da cidade de São Tomé. Acredita-se que o filho de João Francisco Junqueira, Gabriel Francisco Junqueira (1782-1868), o 1º barão de Alfenas e político do Império esteja sepultado sob o altar da Igreja, a atual Igreja Matriz.

O “das Letras” acrescentado ao topônimo refere-se às inscrições rupestres e petróglifos vistos por toda a região, em particular na gruta onde teria sido encontrada a estátua de São Tomé. A Igreja Matriz datada de 1785 (início da construção) é em estilo barroco com pinturas de Joaquim José da Natividade em estilo rococó. A famosa imagem de São Tomé foi roubada da Igreja Matriz em 1991.

**ASPECTOS GEOLÓGICOS** - Cidade tipicamente serrana, com aspecto medieval. São Tomé das Letras acha-se edificada sobre largo depósito mineral de quartzo do neoproterozoico – as famosas “pedras de São Tomé” – cuja exploração, ao lado do turismo, são as principais atividades econômicas do município. Inúmeras grutas e formações rochosas são opções de visita, dentre elas as grutas de São Tomé, Carimbado, Pirâmide, Pedra da Bruxa, além de inúmeras cachoeiras como a Eubiose, Vêu da Noiva, Paraíso, Chuva, Lua, Antares, Vale das Borboletas, Floresta de Duendes, cachoeira do Flávio, cachoeira dos Sonhos e ainda corredeiras como Shangrilá, So-bradinho e tantas outras em toda a peculiar região. Outro ponto turístico é a Igreja de Pedra, tombada em 1985.

A localização montanhosa mais elevada acha-se a 1440 m de altitude (1.318m na sede), permitindo observação privilegiada de toda uma vasta região. A área do município é de 369,8 km<sup>2</sup>.

**REINO DE AGHARTA** - De acordo com esoteristas e teósofos, São Tomé inser-se geográfica e dimensionalmente num sistema de sete localidades ou “embocaduras” (portais energéticos) a saber: Aiuruoca, Conceição do Rio Verde, São Tomé das Letras, Maria da Fé, Carmo de Minas, Itanhaém e Pouso Alto, tendo como centro energético uma oitava “embocadura” ou “portal” a estância hidromineral de São Lourenço. Para cada localidade física, há uma outra interiorizada, etérea ou intradimensional – denominada jiva – no seio da Terra (as denominadas cidades ou colônias agarthinas). Dessa forma, São Tomé atrai para o lugar sociedades espiritualistas, científicas, alternativas, além de místicos, ufólogos, gnósticos, artistas, entusiastas da natureza etc.

Fala-se numa passagem subterrânea entre São Tomé das Letras e Macchu Picchu

(uma das mais famosas cidades do antigo Império Inca) no Peru, cuja entrada estaria na Gruta do Carimbado, objeto de estudos de geógrafos e pesquisadores. Tema este tratado na minissérie “Filhos do Sol”, da extinta TV Manchete, rodada na cidade e região e exibida entre 16-01 e 09-02-1991.



Em 1990, uma expedição patrocinada pela TV Globo conseguiu percorrer/adentrar até 15 km, tornando-se inviável o prosseguimento, dado o ar rarefeito, alta temperatura do local, desconhecendo-se onde leva o citado caminho subterrâneo ou túnel (mais esclarecimentos no Glossário - tópico “Agharta”).

São Tomé das Letras ou “Embocadura de Tassu”, dada a gemação espiritual entre nações (Brasil/Portugal) é classificada na complexa nomenclatura geográfica, histórica esotérica da Teurgia como 5º subposto nacional interligado ao 5º posto internacional de Sura-Loka (Sintra) em Portugal. Fica o registro.

## GLOSSÁRIO

• **AGARTHA** – Segundo crenças e tradições orientais, trata-se de reino imaginário situado no coração da Terra, composto por oito cidades sagradas localizadas em 4ª dimensão (axis mundi) associado à cidade sagrada de Shambhala. A partir desse reino mítico (terra mãe), um monarca chamado Melki-Tsedek ou Melquisedeque governaria o mundo. Este misterioso personagem é mencionado na Bíblia (Gên 14, 18-20 e Hb 6:17-20 e 7:1-3).

Associado ainda ao reino de Shambhala, cuja presença e crença são muito comuns entre mongóis, tibetanos, indianos e chineses, conectado a um destino escatológico: seria o berço do Messias que apareceria para libertar a Terra antes do fim do Kali Yuga (ciclo de destruição e regeneração de mundos). Aparece mencionado nos Puranas, coleção de ensinamentos compilados por Krishna Shwaipáya, autor do grande poema épico hindu “Mahabharata”. Inúmeros viajantes e exploradores da Ásia Menor dentre eles o polonês Ferdinand Ossendowski, o marquês Saint-Yves D'Alveydre, André Thomas, a russa Helena Petrovna Blavatsky referem-se a essa cidade ou reino, apresentando ao Ocidente vasto e intrigante material sobre o assunto.

• **AKASHA** – palavra sânscrita que significa “espaço etérico”, substrato espiritual primordial onde se acham armazenados todos os conhecimentos, fatos, feitos cósmicos e humanos, desde os primórdios, ou seja englobando toda a memória universal. Substância única, imperceptível, primordial, indestrutível, essência sutil e etérea que a tudo permeia e preenche o espaço e onde se acha registrado TODO o conhecimento e TODA existência do Universo em seus mínimos detalhes. É parte da Mente Divina – “O Livro da Vida” no conceito cristão – alma e matriz universal, onde toda e qualquer ação, por mais oculta, é guardada em toda a sua plenitude, pois TUDO está subordinado a uma Consciência Maior ou Superconsciência Cósmica, onde se condensam e confluem tempo, espaço, mente, causalidade. Assim, a história humana, planetária e cósmica, em suas versões originais, acham-se indelevelmente gravadas em toda sua plenitude – cenários, episódios, personagens, imagens, o quotidiano, até mesmo o estado psicológico e imaterial de cada um. Assim, tudo o que transparece no mundo do indivíduo e todos os eventos do universo acham-se registrados em Akasha, podendo ser acessados por pessoas (sensitivos) que desenvolveram certas habilidades anímicas.

Trata-se de conceito existente em praticamente todas as religiões, em especial as orientais – bramanismo, budismo, jainismo, taoísmo – daí dizer-se que “a Deus ninguém engana”, o “olho que tudo vê”.

• **ATLÂNTIDA** – o mito ou fascínio da Atlântida, o continente perdido, acha-se fixado na consciência coletiva da humanidade, na tradição de povos e civilizações, em convulsões telúricas e climáticas como o dilúvio. Seria a Atlântida um enorme continente que se estendia entre a Europa e a América e que teria afundado ao longo dos milênios, vitimado por, pelo menos, três cataclismos e que reduziram sucessivamente



seu território. O primeiro deles, há cerca de 40.000 anos, ficando a Atlântida reduzida a duas ilhas maiores – Ruta e Doytia. Algum tempo após, as mesmas submergiram, deixando apenas a ilha menor de Poseidônia (Poseidonis) que, por sua vez, fustigada por terremotos, viria a afundar cerca de 9.600 a.C Platão refere-se a essa ilha atlante em suas descrições nas obras “Timeu e Crítias”. Seria uma civilização dinâmica, com vastas cidades, arte e ciência avançadas, porém com dirigentes e religiosos corruptos, pervertidos pelo poder e por ambições desmedidas. Os sobreviventes e remanescentes teriam migrado, alcançando várias partes do mundo – Europa, Ásia e mesmo América – contribuindo para os processos de povoamento e civilização. Para os que afirmam e cultivam a existência da Atlântida, seria ela a terra-mãe das civilizações indu, egípcia, grega, ariana, incaica, asteca, maia, sioux etc. cujos povos, de origem ancestral comum, eram/são oriundos ou remanescentes do grande cataclismo que levou ao fundo do mar a velha e arrojada civilização atlante.

Tamanho o fluxo de informações e registros sobre a remota Atlântida, o fascínio exercido pelo tema, seria temerário ou prematuro considera-los mera ficção ou extravagância ou alienação de místicos. A própria arqueologia moderna já comprovou a existência de Tróia, tida no passado como lenda. Diz o ditado: “onde há fumaça há fogo” ou “o povo aumenta, mas não inventa”. Algo sobrevive no fundo da consciência coletiva da humanidade, cabendo à história, algum dia, a palavra final...

Tema de vários escritores, em todas as épocas, inclusive brasileiros:

“Atlântida! Atlântida! Onde estão agora as florestas, as torrentes caudais, as cidades, os reinos? Onde os homens, os rebanhos, as feras? Monumentos, grandezas, poderio, exércitos, ciências e as gloriosas artes? Onde jaz sepultado o gênio humano, fertilizador das regiões desaparecidas? Que é feito das próprias ruínas? Como foram consumidos os venerandos restos da arquitetura – fustes truncados, capitéis caídos? E os túmulos? as ossadas dispersas que vão ficando das gerações no roteiro dos séculos? A própria morte morreu. E as montanhas, que suspeitávamos eternas, na audaciosa majestade da pedra, familiares entre a água e o raio, como Júpiter Deus?!” (Raul Pompeia – poema “Os Continentes” – Livro “Canções sem metro” (1900)

## MESTRE – INQUIRE O PIAGA –

Se eu quisesse aprender da Atlântida a ciência / onde a iria encontrar? / Poseidonis ruiu... a sombra vaga / na memória dos homens... a demência do mar afogou-a no mar!... / Nenhum vestígio!... templos e muralhas / os papiros sagrados – Runá disse: / perderam-se também; velam a terra líquida mortalhas / chocam-se as ondas, como quem carpirse... / E a voz dos ecos: - nada mais!...ninguém... / Nos olhos do Piaga o olhar do Mago / lento cruzou, fixou-se...perscrutava o pensamento íntimo que o afago / das palavras do jovem revelava / Intenso e terno o olhar de Aztlan / nostálgico e profundo / tons da saudade e piedade vã / nos ocasos de um mundo” (Dario Vellozo – poema “Atlântida” (1938) – Canto IV “No Limiar dos Mistérios”)

“Que o destino se cumpra / que da Atlântida o gênio a mente forme / do homem universal! / E seja a terra dos Palmares / na Unidade intangível / a pátria universal / a terra universal! / Aeronaves da Paz por sobre a Terra / abre as asas da Fraternidade / Na suprema cultura e paz se encerra / é o estado civil / chave de um ciclo – a Atlântida descerra / as portas de ouro do Brasil / O povo do Brasil: um hino à Liberdade / O ouro do Brasil: o amor à Humanidade / Do passado remoto ergue-se a voz da Atlântida / na aurora que desponta / linda voz matinal / de arauto e de adail / a exaltação da pátria universal / a exaltação da Terra Universal / E na abóboda azul a luz que monta / o canto rosicler da inspirada Profântida / Asa espiritual / asa branca e sutil / a legenda da História / o lema da vitória: / Atlântida – Brasil” (Dario Vellozo – poema “Atlântida” (1938) Canto VII – “Terra Universal”)

O tema da multiracialidade, de um continente transfigurador, de uma coletividade ideal – voltado(s), em especial para o Brasil e América Latina – aparecem igualmente em autores dos séculos XIX e XX como o mexicano José Vasconcellos, autor de “La raza cósmica – mission de la raza iberoamericana” (1925) Uma nova realidade libertadora preconizada para nosso continente acha-se ainda em pensadores e políticos como José Martí (“Nuestra America”), José Enrique Rodó (“Ariel”) e mesmo do general libertador Simon Bolívar.

Sérgio Buarque de Holanda (“Visão do Paraíso”) estudou detalhadamente as figuras do imaginário europeu sobre o Novo Mundo – representações estas criadas na Idade Média e Renascença – pertinentes à descoberta da América, o (re)encontro do Éden Perdido. Holanda, em seu erudito trabalho, cita como exemplo, o episódio do conquistador Juan Ponce de Leon, que, aos 50 anos, empreendeu a procura da fonte da juventude, que, segundo as novelas de cavalaria medievais, achava-se situada no paraíso terrestre de um Novo Mundo.

Oswald de Andrade no texto “A marcha das utopias” (“Os cadernos de cultura” vol. 139, Rio de Janeiro, MEC, 1968) apresenta-nos uma visão/concepção de um Brasil desenvolvido, espiritualizado, um meta-Brasil apto a ser a Nova Atlântida. Seria, quiçá, a restauração da Grécia dionísica, orfíca, com valorização do cultural, do matriarcado, uma utopia fundada na mudança, na transformação, na inconformação!

“A minha fé no Brasil vem da configuração social que ele tomou, modelado pela civilização jesuítica em face do calvinismo áspero e mecânico que produziu o capitalismo na América do Norte” (Oswald de Andrade – “Obras Completas: do pau Brasil à antropofagia e às utopias – manifestos, teses de concursos e ensaios” Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970, pp. 151/152)

• **BODHISATTVA** – Um ser que desenvolveu plenamente, até ela se tornar espontânea, a bodhicitta, isto é a aspiração de atingir a iluminação, a fim de beneficiar todos os seres sencientes. Um ser benfeitor, angélico, que devota sua existência unicamente a este propósito, por inumeráveis gerações e reencarnações, até que todo ser, sem exceção, tenha alcançado a iluminação.

• **DHARMA** – Palavra sânscrita que significa “verdade”, “a natureza última das coisas” ou ainda o “caminho” (para se realizar a verdade) Mais do que um dever religioso, Dharma são os ensinamentos doutrinários de Buda que incluem a imper-

manência das coisas e dos estados mentais, o sofrimento decorrente, a via para se extinguir o sofrimento e os deveres nela envolvidos.

Dharma são também as Quatro Nobres Verdades (Tudo é dor – o sofrimento provém do desejo – o sofrimento cessa quanto se extingue o desejo – o desejo cessa quando se segue o Caminho Óctuplo) O Caminho Óctuplo é a existência com os seguintes princípios ou práticas: entendimento reto – aspiração reta – discurso reto – ação corporal reta – meios de vida retos – diligência reta – atenção reta – concentração reta.

• **ELDORADO** – (ver também o verbete “SABARABUÇU”) antiga lenda indígena da época da colonização da América e que atraiu muitos aventureiros europeus. A lenda falava da existência de uma cidade de ouro maciço, situada nos imensos sertões desconhecidos, além de tantos outros tesouros inimagináveis ali ocultos. Tinha a riqueza da cidade, assim se afirmava, que seu imperador indígena tinha o hábito de se banhar e se espoujar no ouro em pó, tendo, dessa maneira, a pele dourada – daí o termo Eldorado ( “o homem dourado” em espanhol). A cidade era ainda denominada de “Manoá”, que na língua achaua significa “lago”, e seria uma espécie de capital perdida do Império Inca.

Os colonizadores espanhóis que já tinham encontrado e saqueado quantidades extremamente exageradas de ouro e prata entre os povos incas, astecas e maias, nunca se davam por satisfeitos, extraindo milhares de toneladas de prata em Potosi (Bolívia) e outras regiões. No Brasil, o despojamento pelos portugueses se faria principalmente na região das Minas Gerais, estendendo-se ao Centro Oeste do País. Inúmeras expedições, sejam organizadas por espanhóis, como a famosa de Diego de Ordaz., sejam portuguesas ou de outras nacionalidades (dentre essas a do célebre saqueador inglês Walter Raleigh) buscaram, em vão, tal cidade, mesmo percorrendo grandes extensões da região amazônica, hoje territórios da Colômbia, Venezuela, Guianas, Brasil etc. Ao todo, mais de cem expedições organizadas para localizar a “cidade dourada” perderam-se nas selvas, dizimadas provavelmente por índios, doenças. Coisas de conquistadores e consequências da ganância sem limites... (Ver também o tópico infra “Serra do Roncador”)

Outras expedições mencionadas por historiadores que adentraram o vasto território brasileiro em busca de riquezas fabulosas: Antonio Rodrigues de Arzão (1692); Bartolomeu Bueno de Siqueira (1694); Antonio Dias (1699); Pe. João de Faria Filho (1700); Tomás Lopes de Souza Camargo (1701) e o nosso Fernão Dias Paes (1764). Há relatos ainda de espertalhões como o de um tal Soledade e principalmente de Robério Dias (1591), descendente de Caramuru, que ludibriou as autoridades coloniais sobre a existência de imensas minas de prata na Bahia e Minas Gerais. Outro que apregou a existência do Eldorado (ou o jardim do Éden, segundo suas palavras) com imensas riquezas e minas de prata nos sertões do Brasil, onde vivera por anos, foi Pedro de Rates Henequim (1680-1744) português emblemático, senão um tanto quanto paranóico (preso, torturado e assassinado pela Inquisição), adepto do milenarismo, que afirmava ser o Brasil o paraíso terrenal e onde surgiria um novo Império composto pelas dez tribos perdidas de Israel. Temas muito intrigantes que enriquecem, sobremaneira, a desconhecida e desvirtuada história de nosso País.

• **EUBIOSE** - processo de evolução humana, desvinculado de religiões dogmáticas, de construção crítica do autoconhecimento, de transformação de energia em consciência; é uma síntese de filosofia, ciência e religião, propugnando o crescimento individual e coletivo a partir do conhecimento da natureza oculta do ser humano e sua cosmogênese.

Movimento ou sociedade, de cunho muito próximo à teosofia e ao budismo esotérico, fundado em 1921 pelo pensador brasileiro Henrique José de Souza (1883-1963) com sede em São Lourenço, MG. A Instituição mantém templos e ainda departamentos em várias cidades brasileiras e no exterior, verdadeiros colégios iniciáticos, onde são transmitidos ensinamentos, palestras públicas, seminários, distribuição de livros e textos, ministração de técnicas de ioga, mentalização etc.

• **FAWCETT** – Coronel Percy Harrison Fawcett (1867-1925), militar, agente do serviço secreto inglês, arqueólogo, escritor e explorador britânico que desapareceu no Mato Grosso em 1925, ao organizar uma expedição em busca de uma civilização perdida no interior do Brasil. O Cel. Fawcett viajou e atuou em várias partes do mundo como Ceilão, Índia, África Meridional, América do Sul (onde realizou sete expedições entre 1906 e 1925, percorrendo grande parte da Amazônia) Foi ele quem estabeleceu as fronteiras entre o Peru e o Equador. Combateu na 1ª Guerra Mundial. Era amigo dos grandes escritores Arthur Conan Doyle (criador de Sherlock Holmes e que se baseou nas aventuras de Fawcett para escrever “Lost World”) e H. Rider Haggard. Suas histórias serviram ainda de inspiração para o personagem cinematográfico Indiana Jones.

Convencido da existência, a partir de lendas antigas e de registros históricos, de uma cidade perdida nos confins do Mato Grosso, mais precisamente na Serra do Roncador, organizou uma expedição, em companhia do filho mais velho Jack Fawcett e de um amigo chamado Raleigh Rimmel, jamais retornando nenhum dos três. Um mistério até os nossos dias e tema tratado em livros, artigos de jornais e revistas e filmes. Há hipóteses de que tenham sido mortos por índios hostis, talvez os kalapalos ou de que tenham sido atacados por animais selvagens. Sua última mensagem (carta) enviada à família data de 29 de maio de 1925, enviada de Cuiabá. Ossadas e objetos como faca, botões encontrados pelos Irmãos VillasBoas em 1952 na região dos Kalapalos – hoje guardados no Instituto Médico Legal da Universidade de São Paulo – foram atribuídos ao famoso explorador, mas análises e exames de DNA mitocondrial feitos por cientistas brasileiros e ingleses não chegaram a uma conclusão satisfatória, pois a família Fawcett recusa-se a se submeter a quaisquer tipos de exames.

Em 1996, os índios da tribo kalapalo – que só foram contactados em 1946 – capturaram uma expedição anglo-brasileira, liderada pelo banqueiro James Lynch, que visava solucionar o mistério do desaparecimento do Cel. Fawcett e somente os libertaram mediante o compromisso de desistência da expedição.

• **JINA** – o vitorioso, o consagrado, o mestre iluminado ou aéreo, ser angelizado,

aquele que conseguiu se libertar do karma, passando à condição de condutor e edificador de caminhos para a humanidade

• **JIVA** – ser vivo ou ente imbuído de força viva, individual ou coletiva; princípio vital universal do qual a aura é uma individualização; essência imortal ou alma de qualquer organismo que sobrevive, se recicla e transcende à morte física; o homem, como ser energético, com suas cargas de erros e acertos, tendências negativas (nidanas) e qualidades positivas (skandhas) em busca do despertar das faculdades interiores (siddhis) e de bem conduzir o timão de sua alma

• **KALI YUGA** – A Idade de Kali ou Idade do Vício e do Conflito ou ainda a Idade de Ferro é um período que aparece nas escrituras hindus, como os Puranas, apresentada como uma era de crescente degradação humana, cultural, social, ambiental e espiritual, com o predomínio da corrupção, ganância, luxúria, guerras, destruição da natureza. Homens e mulheres entregues à barbárie, à permissividade, à perversidade e que serão, contudo, aniquilados.

Intérpretes e teólogos hindus discordam quanto à duração e vigência dessa era. Alguns, como o célebre pensador Sri Aurobindo, julgavam que ela já passou, enquanto outros como Brabhupada acreditam que a estamos vivendo atualmente, havendo, a esse respeito, claros paralelos entre a revelação apocalíptica cristã (2ª vinda do Cristo) e estas antigas escrituras hindus.

Segundo as profecias dos Puranas, a era de Kali Yuga será encerrada com o advento de Kalki, um avatar (enviado) de Vishnu-Krishna, em sua 22ª manifestação ou encarnação, o qual restabelecerá a justiça na Terra e instalará a Era do Ouro (Satya Yuga), quando então a Terra será governada e habitada por homens justos e espiritualmente congregados.

O Hinduísmo representa a moralidade (Dharma) como um touro. Na era de Satya Yuga, o touro tem quatro pernas, ou seja os quatro princípios védicos da não violência, austeridade, veracidade e limpeza, que são os atributos da Nova Era (Era de Ouro) vigorarão plenamente.

• **PRANA** – princípio vital, energético individual que permeia todo o universo  
• **QUARTA DIMENSÃO** – correspondente, dentro da lógica físico-matemática, a um universo paralelo ou outra dimensão distinta ou múltipla de tempo-espaço; ou ainda um estado diferente de existência possível para o Eu ou consciência.

• **REI DO MUNDO** – personagem fantástico ou mítico, de acordo com narrativas recolhidas na Mongólia e Tibete, que habita ou reina em uma cidade subterrânea, cujas radiações tornam-no inacessíveis aos olhos humanos. Mencionado por viajantes e exploradores da Ásia Central, como Ferdinand Ossendowsky, Alexandra David-Neel e outros.

• **SABARABUÇU** – os conquistadores europeus, sequeiros por riquezas, após saquearem o México e o Peru, destruindo as civilizações asteca e inca, buscaram o Eldorado, território que, segundo a crença, era cheio de minas, onde tudo era de ouro maciço cravejado de pedras preciosas. Ali reinava um soberano cujas vestes eram todas feitas de ouro em pó. Atraídos pelo desconhecido, alimentados miticamente pela existência de lugares dotados de riquezas inimagináveis prontas para serem apropriadas. O processo colonial, inicialmente mitificado, levava expedições a adentrar sertões de difícil acesso, territórios selvagens e inóspitos, a atravessar rios caudalosos e a embrenhar-se por densas e insalubres florestas. Um dos possíveis locais do Eldorado seriam sertões inexplorados do Brasil, gerando-se uma fantasia ou histeria coletiva quanto às riquezas da terra paradisíaca. Cronistas portugueses, que compõem a literatura informativa sobre o Brasil no século XVI, alimentariam tais paranoias, como Pero de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares e Pe. Fernão Cardim. Eis o que escreveu Gândavo sobre a nascente do Rio São Francisco: “Este rio procede de um lago mui grande que está no seio da terra onde afirmam que há muitas povoações, cujos moradores possuem imensos haveres de ouro e pedrarias” (“Tratado da Terra do Brasil – História da Província de Santa Cruz” BH, Itatiaia, 1980, p. 84) Tudo induzia, enfim, à existência de tesouros inimagináveis!

Assim – e da mesma forma – a lenda sobre a serra de Sabarabuçu, alvo principal da bandeira de Fernão Dias (1674) por ele denominada “Serra Negra” ou “Serra das Esmeraldas”. O viajante inglês Anthony Knivet escreveu em 1597 que os índios mineiros, ao pescar, atavam pepitas de ouro na ponta da linha, referindo-se ainda a uma enorme montanha brilhante – Itaberaba – rodeada por córregos peçados de pepitas de ouro (“As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet: memórias de um aventureiro inglês que, em 1597, saiu de seu País com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil entre índios canibais e colonos selvagens” RJ, Jorge Zahar, 2009, p. 116)

Theodoro Sampaio ao comentar essa menção de Knivet (a respeito da serra Itaberaba) pondera: “A montanha de cristal, enorme e curiosíssima, é uma noção de origem indígena, procedente de um erro comuníssimo naquela época, em que o tupi era a língua do maior número. A palavra Itaberaba, nessa língua, admitindo dois significados – cristal e pedra resplandecente ou reluzente deu origem a bem sérias confusões. A lenda de Sabarabuçu que encheu de tantas esperanças, todas malogradas, os sertanistas do século XVII vem dessas mesmas confusões, que, em seu tempo, foram causa de irreparáveis prejuízos. O gentio de outrora denominava Itaberaba a montanha rochosa de encostas lisas, sem vegetação, muito íngreme e que banhada pelas águas límpidas dos manadeiros reluzia ao sol” (“Peregrinação de Antonio Knivet no Brasil no século XVI: estudo crítico para servir de contribuição à história e geografia do País” Congresso de História Nacional/Revista do IHGB vol. 2, pp. 340-344)

Segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda (“Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil” SP, Brasiliense, 1996, p. 38) o termo “Itaberaba”, configurado segundo Theodoro Sampaio com o significado de “serra resplandecente”, refere-se originalmente à serra Itaberaba que é um prolongamento da serra da Mantiqueira entre os municípios de Santa Isabel e Nazaré Paulista, no aumentativo “itaberabuçu”, que se corrompeu em “taberabuçu” e daí a “sabarabuçu”. Aponta ainda Buarque de Holanda que nas “Memórias Históricas” de Mons. Pizarro, faz-se menção à forma “Tuberabuçu” provavelmente a “Sabrabuçu”

(forma alternativa ou variante), montanhas, na verdade imaginárias ou inverossímeis, que foram o principal alvo de bandeiras, dentre elas a de Fernão Dias.

• **SERRA DO RONCADOR** – situada no extremo norte do Mato Grosso, fronteira com os Estados do Pará e Tocantins. Estende-se por cerca de 800 km até a Serra do Cachimbo no Pará e sua cadeia de montanhas divide as águas dos rios Xingu e Araguaia. Chamada pelos índios xavantes que habitaram a região de Matatu-Araracanga (“Cabeceiras das araras vermelhas”) Considerada uma região misteriosa e mística por vários grupos esotéricos, objeto de várias expedições no passado e mesmo no presente, por parte de aventureiros à procura de uma “cidade” ou “civilização perdida”, conectada, segundo muitos, à antiga Atlântida. Uma das menções a esta “cidade” acha-se na obra “Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas”, autoria do jesuíta Pe. João Daniel, missionário durante décadas no norte do País, falecido por volta de 1776 na prisão de São João da Barra em Lisboa (a mesma enxovia em que ficaram encarcerados os inconfidentes mineiros entre 1789 e 1792), que percorreria durante 18 anos, largas extensões do Rio Amazonas, o qual descreveu-a, provavelmente a partir de relatos de índios, como “cidade com suas minas de ouro, prata e diamantes”

Outro jesuíta, Pe. João Felipe Bettendorf, (Luxemburgo 1625 – Belém do Pará 1698) homem extremamente douto, poliglota, profundo conhecedor dos sertões brasileiros, considerado o fundador da cidade de Santarém, PA, em sua obra “Crônica dos Varões Ilustres da Província do Maranhão e Pará” faz referência às “riquezas fabulosas” da cidade de Manoá no lago Parimã. Em busca dessa “cidade” encontram-se tantos outros exploradores como o francês Condamine (1755), membro da Academia de Ciências de Paris; o alemão Nicolau Horfteman etc. Tal cidade, fabulosamente rica em metais e pedras preciosas, segundo relatos colhidos pelos exploradores junto a índios do interior amazônico, ficaria muito além das matas do Xingu e Araguaia.

Dentre as crônicas dos bandeirantes paulistas, também em busca das riquezas do Parimã e Manoá, há a de João de Godoy Pinto da Silveira, no qual narra as desventuras de várias bandeiras armadas e enviadas à época (1756-1760), todas esmagadas pelos índios, dentre estes os terríveis araes, que habitavam terras do atual Estado de Goiás (Fonte: Willy Aureli – “Bandeirantes d’Oeste”, São Paulo, Ed. Universitária, 1962)

O mestre de campo João da Silva Guimarães que comandou expedição em busca das “minas perdidas de Muribeca” ou “cidade perdida de Sincorá”, no interior da Bahia, relata, por sua vez, a descoberta das ruínas de antiga povoação, onde encontraram moeda e objetos com inscrições em estranhos caracteres (Documento n. 512 da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro) Tais manuscritos são um dos maiores mistérios e mitos da arqueologia brasileira. Segundo o estudioso Barry Fell, tais inscrições são em grego ptolomaico (uma variante do egípcio demótico), havendo trechos em “alfabeto de escorpião” (usado por caldeus e sumérios).

Inúmeras expedições foram enviadas, até mesmo financiadas pelo Imperador D. Pedro II, como a do Cônego Benigno de Carvalho, entre 1841-1848, sem resultados convincentes.

Segundo místicos, há uma passagem ou portal na Serra do Roncador para uma cidade subterrânea, que se abre em certas ocasiões, mediante o alinhamento de astros, na qual teria adentrado, assim dizem alguns, afortunadamente o Cel. Fawcett.

• **SHANGRI-LA** - criação literária do escritor inglês James Hilton (1933) em sua obra “Lost Horizon” (Horizonte Perdido), no qual retrata um lugar paradisíaco situado nas montanhas dos Himalaias, sede de panoramas maravilhosos e onde o tempo detém-se em um ambiente de paz, felicidade e saúde, com a convivência harmoniosa das pessoas das mais diversas procedências. O romance inspirou duas versões cinematográficas em 1937 e 1973. Shangri-la tornou-se no Ocidente o símbolo de um paraíso terrestre oculto.

• **SHE** – Em inglês “Ela” e em francês “A cidade sob a montanha”. Trata-se de famoso romance intuitivo de Rider Haggard (1888). O autor imagina/descreve uma civilização do tipo egípcio, agrupada em torno da cidade de Kôr, nas montanhas da África Oriental. Tal civilização fora a mãe do Egito do Nilo e como esta, mumificava seus mortos. Suas rainhas possuíam o segredo da vida e da longevidade, perpetuado por uma chama perpétua luminescente, a brilhar no fundo de uma gruta secreta.

• **TEOSOFIA** – conjunto de doutrinas de ordem sincrética, filosófica, místico-religiosa, iniciática e especulativa que busca(m), através da inspiração e da experiência da alma, o conhecimento direto dos mistérios da Divindade. Do grego théos (deus) + sophos (sábio) ou seja “religião da sabedoria”, “sabedoria divina”.

A origem da Teosofia, segundo estudiosos, remonta à antiguidade egípcia, sendo revivida por Amônio Saccas, fundador da Escola Neoplatônica e por seu discípulo Plotino, passando, ao longo dos séculos, pelas mais variadas escolas filosóficas (grega, hinduísta, budista e mesmo a judaico-cristã). A Teosofia foi reintroduzida e sistematizada no final do século XIX pela russa Helena Petrovna Blavastky (1831-1891), em especial através de sua obra clássica “A Doutrina Secreta” editada em 1889. Seus princípios básicos são a busca da verdade, a origem espiritual das coisas e seres no mundo, a imortalidade (Atman) e evolução (Dharma e Karma) da alma, a existência de princípio universal e absoluto de onde emana tudo o que é manifesto (Parabrahman)

• **VIRACOCHA** - Divindade maior do panteão inca, invisível, criadora de todas as coisas e substâncias das quais as coisas foram criadas. Qualificado ainda como Senhor e Mestre do Mundo e Velho Homem dos Céus. Adorado como deus do sol e das tempestades e representado usando o sol como coroa, com raios escorrendo de suas mãos e lágrimas descendo dos olhos como chuva. Trata-se de mito ou divindade, segundo estudiosos, muito próximo ao de Sumé (São Tomé)

Vindo do leste, viveu entre os homens ensinando-lhes muitas coisas, técnicas e ofícios como a construção de terraços para o plantio de lavouras, como levar água até as montanhas etc. Desapareceu planando sobre as águas do Oceano Pacífico. Deixou dois filhos, Mama Oclo (filha da lua) e Manco Capac (filho do sol); este, teria com um bastão, lançado as bases da cidade de Cuzco, “o umbigo do mundo”, que se tornaria a capital fortaleza do Império Inca





# PLANO Collor

## 30 ANOS DE UM TERRIFICO PESADELO 1990-2020

O “Plano Collor” foi um conjunto de medidas econômicas adotadas pelo governo do presidente Fernando Collor de Mello - empossado em março de 1990 e que governou até 1992 quando foi destituído - com objetivos de controlar a hiperinflação da época que, no ano de 1989, chegou a 1.972%. Seu projeto receberia o pomposo nome de “Brasil Novo”. O governo anterior, de José Sarney, formulara diversos planos econômicos – Cruzado I, Cruzado II, Plano Bresser, Plano Verão – contando, em sua gestão, com vários ministros da Economia, todos com redundante e retumbante fracasso. A inflação mensal chegaria aos 80%. Collor se elegeria, com o apoio ostensivo da Rede Globo, com o slogan de combate aos marajás (privilegiados do País) e de que derrotaria a inflação “com um só tiro”

Ao assumir, Collor tomou inúmeras medidas como a extinção de dezenas de empresas estatais, congelamentos de preços e salários, troca da moeda (de cruzado novo para cruzeiro), demissão de funcionários, fim de subsídios estatais, criação do IOF, aumento de tarifas públicas, moratória da dívida externa e dentre tantas, de todas elas – a mais dramática, a mais absurda e cruel – o congelamento (confisco) dos depósitos de toda a população acima de 50 mil cruzeiros. Collor lançaria ainda, durante seu transtornado governo, outros planos (Planos Collor II e III, Plano Marcílio, este em março de 1991, que incluía medidas de novos congelamentos de preços) Todos os planos do governo Collor seriam um fracasso, tanto que a inflação, à época da implantação do Plano Real, no governo Itamar Franco, era já de 40%!

O confisco de todos os depósitos da população em bancos, inclusive a poupança, fora de uma violência tamanha, um dos maiores crimes já cometidos contra o povo brasileiro em todos os tempos e não podemos nos esquecer foi referendado pelo Congresso Nacional e pelo STF! O povo ficou sozinho, simples e totalmente abandonado pelos poderes que deveriam protegê-lo! “Um plano arbitrário, ditatorial e tresloucado” avaliou, à época, a jornalista Miriam Leitão. O dinheiro, amalhado tostão a tostão, guardado anos a fio na poupança, a motivação para viver de milhões de brasileiros para um tratamento de saúde, a garantia da velhice, ajudar um familiar em dificuldades, a educação dos filhos, eis um governo desequilibrado e “passa a mão, não só na economia, mas principalmente na dignidade das pessoas” (jornalista e escritora Francine de Lorenzo Ardosia – Obra - “Passaram a mão no meu dinheiro” USP, 2019)

As consequências do nefasto confisco, com a falta de dinheiro em circulação, seriam dolorosas, trágicas. Lojas vazias sem compradores, negócios desfeitos, viagens canceladas, casamentos

adiados ou mesmo rompidos... Pessoas honestas, trabalhadoras desmoralizadas, pois não tinham condições de honrar seus compromissos para com terceiros: tinham deixado o dinheiro depositado nos bancos para quitar a compra de um imóvel, custear estudos dos filhos, pagar uma cirurgia. Prejuízos incalculáveis e - para muitos - irreversíveis. Empresários foram à falência. Infartos. Suicídios. Cartas indignadas dirigidas às redações dos jornais <sup>(1)</sup> Dramas dantescos relatados por jornais e programas televisivos. Sonhos e direitos sagrados de milhões de brasileiros, aniquilados pelo “Plano Collor”, que serviriam de tema para livros como “A felicidade é fácil” de Edney Silvestre (2011); filmes como “Terra Estrangeira” (1996) de Walter Salles e Daniela Thomás; em telenovelas como “Rainha da Sucata” (1990) de Silvio de Abreu. Milhares de moças, então universitárias, viram-se forçadas a abandonar os estudos, dado o desemprego recessivo que se abateu sobre o País, muitas delas tornando-se, para sobreviver, “cal girls” no exterior, conforme depoimento do escritor e jornalista Edney Silvestre, então residente nos Estados Unidos.

Collor sofreria enormes desgastes na condução econômica do País e acusado de comandar ou de se beneficiar um picaresco esquema de corrupção, sofreria impeachment pelo Congresso Nacional, sendo afastado do cargo em 29-09-1992, assumindo o vice Itamar Franco.

Trinta anos passados, as perguntas não se calam. Quem reporá as vidas ceifadas? A honra afrontada de milhões de brasileiros? As falências? As humilhações? O choro convulso de pessoas sem ter o que comer e com os seus suados recursos presos pelo Estado? Como esquecer? Como não se indignar, até os dias atuais?

Onde os deputados, senadores, ministros do STF da época que ratificaram as loucuras do governo Collor, deixando a população na miséria, na indignação, no desespero? Onde a sua missão de servir à coletividade, à justiça, ao interesse social?

### NOTAS

(1) “Sinto-me como um réu que foi julgado e condenado por si mesmo. Votei no homem e ele me condenou a passar fome” (trecho da carta de um leitor endereçada ao jornal “Folha de São Paulo”, edição de 15-04-1990)

Ressalte-se que muitos juízes, correta e lealmente, deram ganho de causa aos cidadãos que, foram aos tribunais, solicitar a devolução de seus depósitos. Mas, o STF – ao declarar legal e constitucional o confisco – jogou, por terra, os direitos civis e humanos de nosso povo extorquido...

# 1870 – 2020 – 150 anos da Ópera “O Guarani” de Carlos Gomes

O Brasil deveria se orgulhar de seus grandes filhos, a exemplo de Carlos Gomes. O primeiro brasileiro a se projetar internacionalmente no seletor campo da música clássica.

No dia 19 de março de 1870, no Teatro Alla Scala de Milão, Carlos Gomes estreava triunfalmente a sua magistral peça (ópera) “O Guarani”, baseada no romance de mesmo nome do romancista José de Alencar. “O Guarani” seria ouvida no Brasil, pela primeira vez, no Rio de Janeiro, no mesmo ano, com estrondoso sucesso.

Carlos Gomes começou a composição de “O Guarani” entre 1867 e 1868 e considerada a sua obra sinfônica mais conhecida. O menu de suas obras, porém, é vasto, infelizmente pouco valorizado, cabendo mencioná-las as seguintes:

- Alameda da Ópera Lo Schiavo (1889)
- Valsa Quem Sabe (1859)
- Burrico de Pau
- A Noite do Castelo (1861)
- Joanna de Flandres
- Fosca
- Salvador Rosa
- Maria Tudor
- O Escravo
- O Condor
- Colombo
- Missa de São Sebastião (1854)
- Suspiro D'alma (1857)

## O GUARANI

O romance O Guarani, escrito em 1857 por José de Alencar, busca as origens da nacionalidade brasileira. Cria os símbolos do nosso passado nobre com as figuras de D. Antônio de Mariz, fidalgo de rígidos princípios morais; Álvaro, o cavalheiro de sentimentos puros, corajoso e amoroso; Gonzales, o aventureiro ganancioso; Peri, o índio idealizado; e a meiga Cecília, que simboliza a mulher brasileira, dócil e sentimental. Personagens que fazem de O Guarani o romance da formação da nacionalidade brasileira. Il Guarany é uma ópera-baile em 4 atos. O libreto é de Antônio Scalvini, concluído por Carlo D'Ormeville.

Resumo: A ação decorre no Brasil, do ano de 1560, em uma cidade próxima ao Rio de Janeiro, na esplanada diante da fortaleza, onde vive o velho fidalgo português, Dom Antônio de Mariz. Do ponto de vista romântico, a história gira em torno de Cecília que é cobiçada pelo aventureiro espanhol Gonzales e Dom Álvaro, nobre português. Por engano, um dos caçadores subordinados a Dom Antônio mata uma jovem índia da tribo do Aimorés e os índios querem vingança. Por pouco, não é a primeira vítima da ira dos índios, sendo salva por Peri, um índio guarani, fiel à família. Dom Antônio promete Cecília em casamento a Dom Álvaro.

Mais tarde, Peri confessa seu amor a Cecília, cantando a ária “Sento una forza indomita.” Peri descobre uma conspiração dos aventureiros contra Dom Antônio e acompanha seus movimentos até que Gonzales invade o solar e tenta raptar Cecília. Novamente Peri a salva, então a fortaleza é invadida pelos Aimorés que prendem o casal. Desta vez, é Dom Antônio, com seus homens, que salva Peri. Ao voltarem ao solar, descobrem novamente os aventureiros conspirando contra Dom Antônio, que pede a Peri que fuja, uma vez que a casa está prestes a explodir. Peri foge levando Cecília sob a benção de Dom Antônio. O espetáculo termina com a destruição total do solar, salvando-se apenas o casal que, agradece

aos céus, pedindo piedade para os que morreram.

### Carlos Gomes, o autor de “O Guarani”

Antônio Carlos Gomes nasceu em Campinas, interior de São Paulo, no dia 11 de julho de 1836 e foi o mais importante compositor de ópera brasileiro. Destacou-se pelo estilo romântico, com o qual obteve carreira gloriosa na Europa. Foi o primeiro compositor brasileiro a ter suas obras apresentadas no “Teatro Alla Scala”, em Milão, e é o autor da ópera “O Guarani”.

Carlos Gomes ficou conhecido por Nhô Tônico, nome com que assinava as suas dedicatórias. Nasceu numa segunda-feira numa humilde casa da Rua da Matriz Nova. A vida do compositor foi sempre marcada pela dor. Ainda criança, perdeu a mãe, tragicamente, assassinada aos vinte e oito anos. Seu pai vivia em dificuldades, com diversos filhos para sustentar. Com eles, formou uma banda musical, na qual Carlos Gomes iniciou seus passos artísticos. Desde cedo, revelou seus talentos musicais, incentivado pelo pai e depois por seu irmão, José Pedro de Sant'Ana Gomes, fiel companheiro das horas amargas.

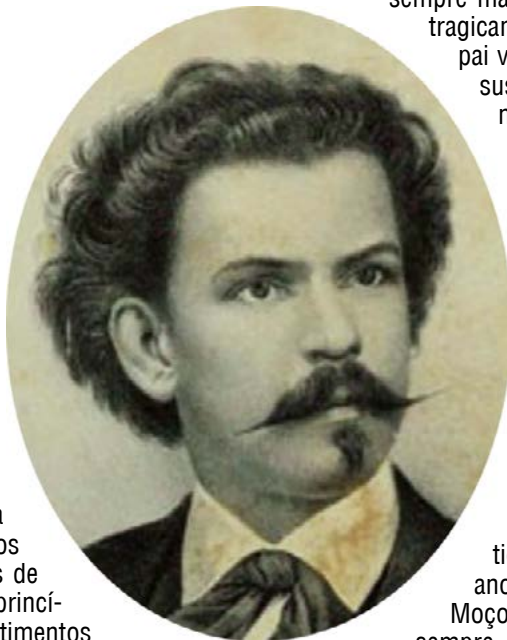
Aos quinze anos de idade, compôs valsas, quadrilhas e polcas. Aos dezoito anos, em 1854, compõe a primeira Missa, “Missa de São Sebastião”, dedicada ao pai e repleta de misticismo. Na execução cantou alguns solos. A emoção que lhe embargava a voz comoveu a todos os presentes, especialmente ao irmão mais velho, que lhe previa os triunfos. Em 1857, compõe a modinha “Suspiro d'Alma” com versos do poeta romântico português Almeida Garrett. Ao completar 23 anos, já apresentara vários concertos, com o pai. Moço ainda, lecionava piano e canto, dedicando-se, sempre, com afinco, ao estudo das óperas, demonstrando preferência por Giuseppe Verdi. Era conhecido também em São Paulo, onde realizava, frequentemente, concertos, e onde compôs o “Hino Acadêmico”.

Em 4 de setembro de 1861, foi cantada, no Teatro da Ópera Nacional, “A Noite do Castelo”, o primeiro trabalho de fôlego de Antônio Carlos Gomes, baseado na obra de Antônio Feliciano de Castilho. O Imperador D. Pedro II, entusiasmado com o sucesso do jovem compositor, agraciou-o com a Imperial Ordem da Rosa. Dois anos depois, Carlos Gomes embarcava para a Europa.

Com o passar dos anos, Carlos Gomes já gozava de merecido renome na cidade de Milão, Itália, grande centro artístico, mas continuava saudosos da pátria e procurava um argumento que o projetasse definitivamente. Certa tarde, em 1867, passeando pela Praça do Duomo ouviu um garoto apregoando: “Il Guarany! Il Guarany! Storia interessante dei selvaggi del Brasile!” Tratava-se de uma péssima tradução do romance de José de Alencar, mas aquilo interessou de súbito o maestro, que comprou o folheto e procurou logo Scalvini, que também se impressionou pela originalidade da história. E, assim, surgiu “O Guarani”, que apesar de não ser a sua maior nem a melhor obra, foi aquela que o immortalizou.

Não há quem não conheça os maravilhosos acordes de sua estupenda abertura. A ópera ganhou logo enorme projeção, pois se tratava de música agradável, com sabor bem brasileiro, onde os índios tinham papel de primeiro plano. Foi representada em toda a Europa e na América do Norte.

Carlos Gomes faleceu em Belém do Pará, no dia 16 de setembro de 1896





# LUNÁRIO PERPÉTUO

O século XV foi pródigo na publicação de almanaques – também denominados calendários, lunários – de ascendência medieval, que se popularizaram, divulgando principalmente a “medicina popular”, de viés astrológico e hipocrático, sendo introduzidos no Brasil, a partir do século XVI, pelo colonizador europeu. Era um conjunto de saberes e práticas de cura, criados e cultivados pela experiência, preservados pela tradição, ocupando importante espaço na cultura dos povos, em especial antes do advento da medicina acadêmico-racionalista.

O primeiro almanaque surgido na Península Ibérica foi o “Almanach Perpetuum” do astrólogo e cabalista judeu Abraham Zacuto em 1496. Medicina e astrologia eram conhecimentos correlatos, à época e as doenças concebidas como desequilíbrios dos humores (teoria hipocrática dos humores humanos)

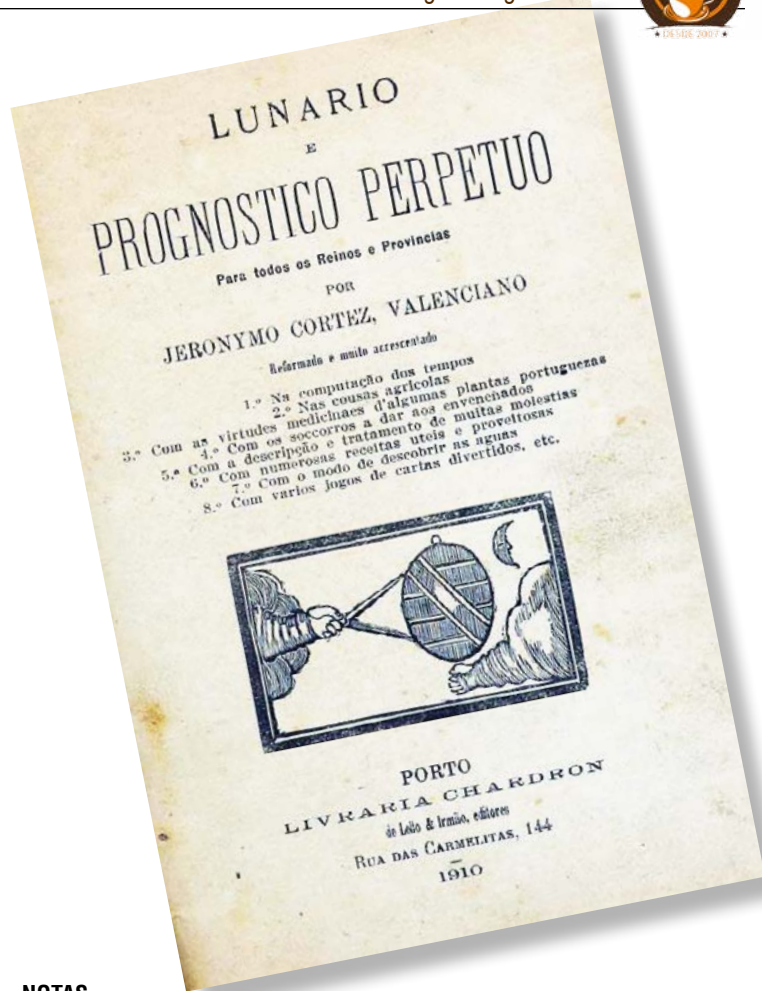
Em nossos sertões e em todo o meio rural, não havia quem, nos séculos idos, o que perduraria até meados do século XX<sup>(1)</sup> não consultasse o “Lunário Perpétuo”. Uma obra mágica, indispensável. O lavrador, o comerciante, a apaixonada, o poeta, o cangaceiro, mesmo aquele que não soubesse ler, ia atrás de um exemplar do “Lunário”, que chegava aos mais longínquos rincões sertanejos, às pequenas cidades e lugarejos, viajando no lombo do burro, nas sotainas dos padres, nas arcas dos mascates. Tinha para o sertanejo a força das “escrituras santas”. Os exemplares eram acondicionados zelosamente junto às redes de dormir, nas escrivaninhas, nas gavetas dos criados-mudos e armários, ao lado dos fogões a lenha, ao pé dos oratórios domésticos. Por mais pobre, questão de honra e fé, toda casa dispunha de um exemplar do famoso almanaque. As pessoas decoravam-no letra a letra e foi no “Lunário Perpétuo” que milhares de nordestinos e sertanejos aprenderam as primeiras letras. Era um “livro de valor mostrado aos entendidos” no dizer de Câmara Cascudo.

“Durante dois séculos, foi o livro mais lido nos sertões do Nordeste”, diz o sociólogo Câmara Cascudo<sup>(2)</sup>. Livro editado pela primeira vez em Lisboa, Portugal em 1703 de autoria do matemático e astrólogo espanhol Jerônimo Cortez (1560-1615)<sup>(3)</sup> e tradução de Antonio da Silva Brito. Livro expurgado, como não poderia deixar de ser, pela Santa Inquisição, sofrendo, por isso mesmo, inúmeras alterações/adaptações em edições posteriores. Teve somente, em língua portuguesa, sucessivas edições nos anos de 1730, 1757, 1805, 1820, 1822, 1840, 1847, 1850, 1852 e 1858. Trata-se de um calendário que divide o tempo pelas fases da lua. O termo “perpétuo” refere-se ao conceito de que as instruções ali contidas eram algo imutável, de interesse do cotidiano do lavrador, como previsões de plantios e sementeiras, conselhos veterinários, técnicas de construção de acordo com a posição das estrelas. Distribuía ainda, como era de praxe à época, rudimentos de física, vidas de santos e de papas, explicações sobre a influência da lua, como reconhecer sinais de chegada de uma peste, da carestia, dos ventos, noções de gramática, processo para construir um relógio de sol, receitas médicas, como conhecer as horas pela posição das estrelas, sobre as marés, ciclos de chuvas, história, geografia, lendas e seres mitológicos, além de crônicas portuguesas, frases e ditos curiosos, que passavam de boca em boca, enraizando-se entre os sertanejos.

O Lunário é até hoje utilizado na edição de almanaques e folhinhas, dentre elas a famosa “Folhinha de Mariana”. Os almanaques, geralmente editados e distribuídos por laboratórios, sempre estiveram presentes na vida interiorana, como nos relata o memorialista resendocostense Gentil Ursino Vale<sup>(4)</sup>

Além do “Lunário Perpétuo”<sup>(5)</sup> hoje uma raridade editorial, o autor Jerônimo Cortez publicou a obra “Fisiognomia e vários segredos da natureza” (1607)

Outros brasileiros, grandes admiradores do “Lunário” foram Capistrano de Abreu e Ariano Suassuna, obra que exerceu ainda fascínio e referência na cultura popular nordestina, tendo o famoso músico e coreógrafo Antonio Nóbrega publicado um álbum inspirado no “Lunário”



## NOTAS

(1) Ainda no século XX, vários outros almanaques circularam no Nordeste brasileiro como o “Almanaque de Pernambuco” de João Ferreira de Lima lançado em 1936 e que circulou até 1979; o “Almanaque do Nordeste Brasileiro” de Manoel dos Santos; o “Almanaque, o juízo do ano” de Manoel Caboclo e Silva; o “Calendário Brasileiro” de José da Costa Leite; o “Almanaque do Nordeste” de Vicente Vitorino Melo; o “Almanaque do Cariri”; o “Lunário Moderno ou Manual do Nordestino” de Manoel Pereira Diniz (pseudônimo Dr. Israel), advogado paraibano, radicado em Juazeiro/CE, formado pela Faculdade de Direito do Recife (1911), obra que tinha como objetivo “adaptar o ‘Lunário Perpétuo’ para o hemisfério sul” com base na edição espanhola de 1701.

Dentre os almanaques de cordel, citam-se “O Vaticínio e o Prognóstico do Ano” (1920) do paraibano José Honorato de Souza e vários outros que proliferaram a partir de 1930, voltados, via de regra, com temas para o homem do campo.

(2) “Foi, durante dois séculos, o livro mais lido nos sertões do Nordeste, informador de ciências complicadas de astrologia, dando informações sobre horóscopo, rudimentos de física, remédios estupefacientes e velhíssimos. Não existia autoridade maior para os olhos dos fazendeiros e os prognósticos meteorológicos, mesmo sem maiores exames, pela diferença dos hemisférios, eram acatados como sentença. Foi um dos livros mestres para os contadores populares, na parte que eles denominavam “ciência” ou “cantar teoria”, gramática, história, doutrina cristã, países da Europa, capitais, mitologia” (Luís da Câmara Cascudo – Dicionário do Folclore Brasileiro vol. 1)

(3) “Lunário Perpétuo” – denominação de conhecidíssimo almanaque ilustrado com xilogravuras, composto pelo matemático espanhol Jerônimo Cortez, publicado em Valência (Espanha) em 1594, reeditado sucessivas vezes ao longo dos séculos, em inúmeros idiomas. Descreve os cálculos das luas novas ou conjunções, das luas cheias ou oposições, quartos crescentes ou minguantes contidos no áureo número ou ciclo lunar ou dominical, festas móveis, a indicação romana, as letras do martirológico, festas fixas, calendário das marés e outras peculiaridades confrontadas, bem como uma lista bibliográfica dos papas.

(4) “E, nos fins de ano, por ocasião do Natal, o que me empurrava naquela direção (farmácia) eram os almanaques com o feitiço de suas cartas enigmáticas, suas inocentes anedotas. Eram doadas aos fregueses. Havia um que tinha na capa, a gravura de uma cabeça de leão com sua juba; outro que fazia propaganda do capivarol” (Gentil Ursino Vale – “Estrelas Cadentes” pp. 40/41)

(5) O “Lunário Perpétuo” é uma obra calcada em preceitos astrológico-hipocráticos com uma visão mágica do mundo, algo muito em voga no Renascimento. Contava o ano por luas em conjunções com os signos do zodíaco e daí suas relações com os destinos do homem, com divisões do tempo e do mundo. Embasa(va)-se na importância dos 4 elementos, dos astros, emprestando ênfase aos 4 humores do corpo

Cuida das tuas sementes interiores, dos teus desejos, das tuas intenções, dos teus ideais...

# CUIDA DAS TUAS SEMENTES INTERIORES

Mestre, como posso enfrentar o isolamento?

Limpa a tua casa. A fundo. Em cada canto. Mesmo os que nunca sentiste a coragem e a paciência para limpar. Torna a tua casa brilhante e bem cuidada. Remove poeira, teias de aranha, impurezas. Mesmo no lugar mais oculto. A tua casa representa-te: se cuidas dela, também te cuidas.

– Mestre, mas o tempo é longo. Depois de cuidar de mim na minha casa, como posso viver o isolamento?

–Conserta o que pode ser corrigido e remove o que não precisas mais. Dedicar-te à colcha de retalhos, cose o início das calças, costura bem as bordas desgastadas dos vestidos, restaura uma peça de mobiliário, repara tudo o que vale a pena reparar. O resto, deita fora. Com gratidão. E com a consciência de que o seu ciclo terminou.

Consertar e remover o que está fora de ti permite corrigir ou remover o que está por dentro.

– Mestre e depois o quê? O que posso fazer o tempo todo sozinho?

–Semeia. Até uma pequena semente num vaso. Cuida de uma planta, rega-a todos os dias, fala com ela, dá um nome, remove as folhas secas e as ervas daninhas que podem sufocá-la e roubar energia vital preciosa.

É uma maneira de cuidar das tuas sementes interiores, dos teus desejos, das tuas intenções, dos teus ideais.

–Mestre e se o vazio vier visitar-me? ... Se vier o medo da doença e da morte?

–Fala com eles. Prepara a mesa para eles também, reserva um lugar para cada um dos teus medos. Convida-os para jantar contigo. E pergunta-lhes por que vieram de tão longe para a tua casa. Que mensagem eles te querem trazer. O que eles te querem comunicar.

– Mestre, acho que não posso fazer isso...

– A tua questão não é isolar os problemas, mas o medo de enfrentar os teus dragões internos, aqueles que sempre quiseste afastar de ti. Agora não podes fugir. Olha nos olhos deles, ouve e descobrirás que te colocaram contra a parede. Eles isolaram-te para que pudessem falar contigo. Como as sementes que só podem brotar se estiverem sozinhas.

Do mural de Zen-Toyo

De fazer pensar!!!!



“Já ancorado na Antártida, ouvi ruídos que pareciam de fritura. Pensei: será que até aqui existem chineses fritando pastéis? Eram cristais de água doce congelada que faziam aquele som quando entravam em contato com a água salgada. O efeito visual era belíssimo. Pensei em fotografar, mas falei pra mim mesmo: “Calma, você terá muito tempo para isso. E nos 367 dias que se seguiram, o fenômeno não se repetiu. As oportunidades são únicas.” Almir Klink

Como diz o Dalai Lama:

“Só existem dois dias no ano que nada pode ser feito. Um se chama ONTEM e o outro AMANHÃ. Portanto HOJE é o dia certo para AMAR, ACREDITAR, FAZER e principalmente VIVER”.

## O QUE REALMENTE INTERESSA?...

Não me interessa o que você faz para viver. Eu quero saber o que de fato você busca e se é capaz de ousar sonhar as aspirações do seu coração. Não me interessa a sua idade, eu quero saber se você será capaz de se transformar num todo, para poder, viver os seus sonhos, aventurar-se a estar vivo.

Não me interessa qual o planeta que está em quadratura com a sua lua, eu quero saber se você é capaz de se sentar com a dor, a sua e a minha, se você é capaz de dançar loucamente e deixar que o êxtase lhe envolva até a ponta dos dedos dos pés e das mãos, sem querer nos aconselhar a sermos mais cuidadosos, mais realistas, ou nos lembrar das limitações do ser humano.

Não me interessa se a história que você está contando é verdadeira, eu quero saber se você é capaz de desapontar o outro para ser verdadeiro consigo mesmo; e se você é capaz de suportar a acusação de traição e não trair a própria alma.

Eu quero saber se você pode ser confiável e verdadeiro.

Eu quero saber se você pode ver a beleza, mesmo quando o dia não está belo, e se você pode conectar a sua vida através da presença de Deus. Eu quero saber se você é capaz de viver com os fracassos, os seus e os meus, e mesmo assim. Se postar nas margens de um lago e gritar ao reflexo da lua: SIM!

Não me interessa onde você mora ou quanto dinheiro você ganha, eu quero saber se você é capaz de acordar depois da noite do luto e do desespero, exausto e machucado até a alma, e fazer aquilo que precisa ser feito.

Não me interessa o que você é, ou como chegou até aqui, eu quero saber se você irá postar-se no centro do fogo comigo e não fugir.

Não me interessa onde, o quê ou quem você estudou, eu quero saber o que lhe sustenta interiormente quando tudo o mais desabou. Eu quero saber se você é capaz de ficar só comigo mesmo, e se realmente é boa companhia para si mesmo, nos momentos vazios.

Oriah, Sonhador da Montanha (Ancião Indígena)



# Capelinha do Capão Grosso

Em tempos de pandemia as pessoas acabam se reinventando e buscando por lugares diferentes do seu espaço cotidiano, sobretudo, em contato com a natureza longe da aglomeração. Com isso, vários lugares no município foram redescobertos pelas pessoas, inclusive a Ermida de Nossa Senhora das Graças, mais conhecida como “Capelinha do Capão”.

A história da capelinha remonta ao ano de 1958 quando o Sr. José de Sousa Resende (Zezinho Custódio) doou parte de um pequeno terreno para construção de um Cruzeiro. Prontamente o Sr. José Francisco de Paula, mais conhecido por Sr. Zé Vicente assumiu a coordenação dos trabalhos. Depois de construído o Cruzeiro, pessoas que passavam pelo local faziam suas orações.

Com a movimentação de pessoas no Cruzeiro seja para passeio ou orações, os residentes na localidade começaram a realizar rezas e leilões para a construção de uma capela. Desde o Cruzeiro até angariar os recursos para a construção da capela esteve firme, coordenando os trabalhos, o Sr. Zé Vicente. O doador Sr. Zezinho Custódio queria muito que a padroeira da ermida fosse Nossa Senhora do Livramento, devido ser de sua grande devoção, porém não conseguiram a imagem. Tempos depois o terreno próximo à capela havia sido vendido ao Sr. João da Arminda, porém a doação do espaço já havia sido feita para Capela do Capão Grosso.

Sr. Zé Vicente reuniu os valores de leilões e doações conseguiu construir a capela que foi finalizada em 1962. E a capela foi colocada sob a proteção de Nossa Senhora das Graças. A devoção co-



meçou com uma imagem bastante danificada pela ação do tempo.

Desde a construção do Cruzeiro até a ermida já se falava que o local era abençoado, pois o próprio zelador testemunhava graças e curas recebidas por intercessão de Nossa Senhora. Outras pessoas que ali também rezavam testemunhavam graças recebidas.

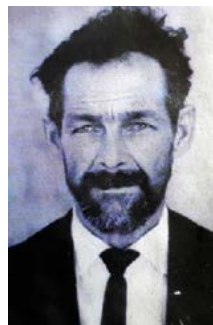
Monsenhor Francisco Eloi vendo o estado da imagem disse que conseguiria outra para a capela. E assim fez, comprou a imagem, porém com o passar dos anos as pessoas que residiam na localidade foram se mudando para a cidade. Monsenhor Eloi sugeriu que a imagem viesse para um lugar mais público com receio de que fosse furtada da capela. Assim Sr. Zé Vicente trouxe-a para o Hospital São Vicente de Paulo, onde está até hoje na capela.

Muitos anos depois de ter servido como zelador e já adoentado Sr. Zé Vicente entregou a chave ao amigo e missionário Tiago Eduardo de Paula fundador da Casa de Caridade e Oratório Coração de Jesus para que continuasse zelando para manter a Capelinha do Capão como ele fez durante anos. Sr. Zé Vicente faleceu em 2015 e deixou esse legado de fé e agora considerado um patrimônio religioso de São Tiago.

Aos poucos o missionário Tiago Eduardo junto a benfeitores da capela foi buscando melhorias para o espaço, como a reforma da ermida, pintura, construção de um pequeno altar, banheiro, coberta ao lado do templo, bancos para os visitantes, ampliação de muros, colocação de pequenos portões e de um cruzeiro próximo à entrada da ermida. A imagem primitiva de gesso estava muito estragada. Nas rezas do terço que houve ali na Capela, a Sra. Rosa Almeida Sampaio que ajudou a servir um café aos visitantes também doou, no ano de 2017 a atual imagem de Nossa Senhora das Graças e um castiçal.

Atualmente a Capelinha do Capão tornou-se um lugar aconchegante e ao mesmo tempo hospitaleiro devido haver vários bancos ao seu redor e o contato com a natureza que proporciona uma visão bonita do lugar.

O local além de um ser um lugar de oração, passa a ser também um ponto turístico de fé e de lazer. Conheça a Ermida de Nossa Senhora das Graças e se encante!



Marcus Santiago  
Membro do IHGST

## INSEGUROS TEMPOS ATUAIS

Eventos cruciais, como os ora vividos pela humanidade, dentre eles a pandemia Covid-19, que afetam a todos, indistintamente, forçam-nos a reflexões, repensamentos sobre nossa conduta. Pelo menos, é o que se espera das pessoas dotadas de um mínimo de sensibilidade, de razoabilidade. A mutação da realidade, tempos de transição, onde nossa postura hedonista, nosso comportamento imediatista terá que abrir espaço e identificação para o transcendental, o espiritual. Seremos mais seletivos, regrados em nossos posicionamentos, tolerantes, respeitosos em nossos juízos, ajustando nossa condição comportamental, vibracional com atitudes equilibradas, harmônicas.

O mapa mundial está sendo redesenhado, não só em função de rivalidades geopolíticas, ideológicas, econômicas com a rápida e ríspida ascensão da China no cenário global. A humanidade convive com seus problemas epidemiológicos (a pandemia do coronavírus com maior destaque), tectônicos, climáticos

(vulcões, tsunamis, degelo, aquecimento planetário, incêndios florestais etc) Segundo o historiador Niall Ferguson, em seu livro “Império Indo-Pacífico”, achamo-nos no sopé de uma nova guerra fria, envolvendo China e Estados Unidos.

Os países, em sua maioria, acham-se, ademais, envoltos em sérios fatores como crise econômica, segurança pública e cibernética, migração, desinformação (fake news), desigualdade social, evasão fiscal, corrupção, bem como pela presença de grupos que buscam mais justiça, democracia, economia equitativa, sustentabilidade ambiental. A liberdade individual está sendo restringida em várias partes, numa ação arbitrária de autoridades e regimes totalitários, gerando mais insegurança, quando não pânico.

Não devemos esmorecer. Eis o momento de revalorização do espírito coletivo, da interconectividade, da junção de forças em prol de uma sociedade mais justa, pluralista, equânime.

# A última missa celebrada pelo Monsenhor Elói na Matriz

Depois de longos anos de trabalho pastoral, social, de grande relevância para vários segmentos, que culminou na construção de várias obras para as comunidades: são-tiaguense e agualimpense, Monsenhor Elói se aposentou definitivamente ficando apenas em sua humilde residência no Bairro Cruzeiro. Ali viveu seus últimos anos de vida celebrando e rezando, às vezes sozinho, às vezes com familiares, amigos mais próximos e vizinhos do bairro. Tudo muito simples para quem se tornou um grande homem em várias dimensões da vida. Só Deus para recompensar este ser humano que se doou em prol de sua terra natal como pároco, cidadão, educador e tantos outros adjetivos que fica difícil enumerar, mesmo sem títulos acadêmicos, foi assistente social, psicólogo, administrador, engenheiro dentre outros. A todo tempo se dedicou para que a comunidade se desenvolvesse – “Avante! São Tiago ao progresso!” –, frase que gostava de usar em suas campanhas em prol de benfeitorias para nossa comunidade.

Após a II Guerra Mundial Monsenhor Elói teve a oportunidade de seguir carreira no exército, ficar na Capital como pároco de uma

comunidade sem grandes desafios, mas preferiu voltar para sua terra natal e se desdobrar atendendo Mercês de Água Limpa e Morro do Ferro. Que louvável! Década de 1950, São Tiago cidade nova, agora caminhava independente e ele voltou para que de alguma maneira pudesse ajudar a promover o progresso, no município que o viu nascer. E honrou! Em quase tudo que se vê tem a mão dele, projetando, fazendo, construindo, abençoando, motivando!

Era Festa de Julho, comemorações do Padroeiro São Tiago Maior



e Senhora Sant'Ana, Aniversário do Município, Dia de São Cristóvão, 27 de julho de 2002, como de costume rezava-se o terço antes das celebrações. O relógio marcava 19h e a Santa Missa estava prestes a começar, igreja lotada, vários carros na porta e ao redor da Matriz. O pároco com um compromisso já agendado há um ano não pôde estar presente para aquela celebração. Porém ninguém ficou sabendo quem celebraria. Já eram 19h20 e a missa não havia começado. Ligaram para vários padres de paróquias vizinhas, porém todos compromissados. A celebração deveria ser feita pelos seminaristas e ministros extraordinários da Eucaristia, quando algo de especial e, muito especial, aconteceu. Alguém sem comunicar paramentou Monsenhor Eloi em sua casa e o trouxe à Matriz entrando pela sacristia. No ar pairou uma emoção e um suspiro tão grande da comunidade ao ver o amado e querido Monsenhor Elói. Sentado ali na frente da mesa do altar celebrou tranquilamente a missa auxiliado pelos seminaristas e ministros. Pregou, recebeu as oferendas e objetos litúrgicos do ofertório, não sabia quem tinha um olhar de mais afeto e ternura, se era o ex-pároco ou quem lhe entregava a oferta. E ele sem dúvidas alguma, ali feliz em poder celebrar para o seu povo a quem batizou, concedeu a primeira Eucaristia, casou, ungiu, abençoou e fez parte da história. Ao chegar a procissão de São Cristóvão ainda quis falar sobre o santo e o valor da família. As bênçãos nos carros os seminaristas se encarregaram de fazer com a água benzida pelo Monsenhor Elói. Festa linda e especial de São Cristóvão eternamente registrada em nosso coração e na nossa memória.

**Marcus Santiago**  
Membro do IHGST



## Lugares de oração em nossa comunidade, no passado

Por volta do início da década de 1960 houve na divisa das ruas Henrique Pereira e Capitão Job Mata, próximo a atual Praça de Esportes um cômodo que serviu por muito tempo como ponto de encontros de oração.

No final da década de 1950 a antiga imagem de Nossa Senhora do Rosário que existia na extinta Igreja do Rosário havia sido levada para este espaço a pedido do Monsenhor Elói e por ali ficou por muito tempo. Daí esse cômodo mesmo não sendo considerado uma capela, tinha um sino e servia para encontros de oração, rezas do terço e catecismo que era dado pelas filhas do Sr. Tonico Ferreira. Ali eram realizadas festas de Nossa Senhora do Rosário, missas e na Semana Santa o depósito de Nosso Senhor dos Passos. Sr. José Ica era responsável em cuidar do espaço.

Foi neste local que passou a existir um grupo específico de fiéis

que fazem as orações ao Senhor dos Passos, após a Procissão do Depósito do Passos, até hoje, apesar de tantas que já estão na eternidade.

Na Vila Ozanam aconteciam as celebrações de missas na Capela de Santo Antônio bem como a trezena que movimentava toda a cidade.

O espaço de oração permaneceu ali por um bom tempo, porém muitos anos depois com a construção da Capela do Rosário, do Cerrado, o movimento dali foi levado para a Praça São Vicente de Paulo, inclusive as imagens da Virgem Santíssima do Rosário e Santo Antônio.

**Marcus Santiago**  
Membro do IHGST